

NOS DESFILADEIROS DOS BRAKENSBERGS — Composição de Y. Pranishnikoff, segundo o texto

COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES
DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

SEGUNDA PARTE

A FAMILIA COILLARD

(Continuação da folha 43—3.º anno)

FRA o tenente Caméron, do regimento, que disse a Saunders: «Meu capitão, eu cá estou á espera dos zulos, e enquanto elles não vem, vou bebendo.»

Era realmente admiravel vêr esses bravos officiaes inglezes, que morriam rindo e descuidados n'uma guerra ingloriosa, tão tranquillos e socegados em frente de um perigo qualquer, como se os esperasse um baile ou uma festa.

Nós dissemos ao tenente Caméron que não havia zulos, e elle recebeu a noticia com certa tristeza.

Quem sabe se elle, com a confiança da mocidade, não tinha sonhado n'esse momento com os galões de um posto superior?

Pouco depois reuniu-se a nós o major Tyler, e disse-nos que ia vêr o que faziam os voluntarios na cidade.

Eu e Saunders acompanhamol-o. Era meia noite e havia escuridão profunda; a chuva cahia a torrentes, e eu apenas pude apanhar metade do impermeavel de Saunders, que levou só o cabeção, dando-me o resto.

Tropeçando aqui e cahindo além, chegamos á praça, onde na igreja parochial deviam estar os voluntarios.

Entramos no templo, que estava cheio de soldados, e logo que o major Tyler deu as suas ordens, fomos todos tres para minha casa.

Estavamos muito molhados, e o meu primeiro cuidado foi abrir uma garrafa de vinho velho.

Bebendo e conversando passamos alli uma parte da noite, rindo eu e Saunders a bom rir, da seriedade do major Tyler, que estava indignado por ter o seu quarto cheio, não de damas, que elle é muito galante para se queixar d'isso, mas de meninos!—de meninos que choravam!

Pela madrugada o major Tyler e o capitão

Saunders retiraram-se, e eu fui-me metter na cama.

Eis como acabou um dos episodios comicos da tragica guerra dos zulos, episodio que ficaria no esquecimento se eu o não trouxesse a publico.

No dia immediato teve logar um acontecimento importante para mim.

A minha gente e as minhas bagagens seguiram para Durban, pelo caminho seguro de Harismith.

CAPITULO VIII

O FIM DA VIAGEM

A chegada do coronel Lanyon—Parto de Pretoria—Heidelberg—Um *dog-cart*—O Tenente Barker—Dupuis—Peripicias de uma viagem no Transvaal—Newcastle—A diligencia—Episodios burlescos—Pietermaritzburg—Durban—Volto a Maritzburg—Didi Saunders—Episodios em Durban—O consul portuguez Mr. Snell—O *Danubio*—O commandante Draper—Regresso á Europa.

Andava tudo em reboliço. Nunca em Pretoria se tinham feito tantos gastos de *toilettes*, nunca os lojistas venderam tantas fitas e tantas rendas!

Os homens escovavam e preparavam os uniformes, porque todos mais ou menos tinham uniformes, e os que os não tinham inventavam-nos. Se tudo estava em guerra!

Cavalllos e carrogens soffriam tratos de limpezas desusadas. Tudo luzia e brilhava. O entusiasmo era geral e chegava mesmo aos holandezes.

As damas trabalhavam com afan, e davam tratos ao miolo, contido nas cabecinhas louras e encantadoras, para melhor pregarem um lacinho, para melhor fazerem realçar a belleza delicada.

Os homens, *elles*, diziam: «É C. B.¹ e tem a *Victoria Cross*,² é o heroe da guerra dos Aschantis, é um homem de grande energia, é um dos mais notaveis officiaes do exercito inglez.»

Ellas, *ellas* diziam: «Tem 36 annos o coronel, e dizem que é alto, nobre e bonito!»

Que enthusiasmo! Eu nunca vi coisa assim! O meu cavallo já estava emprestado a uma dama, que queria mostrar toda a sua elegancia de amazona. Outras mais infelizes procuravam de balde um meio de transporte.

Só eu, creio, que estava frio no meio d'aquella effervescencia de delirio.

Eu cá não ia esperar o novo governador, e contentar-me-ia de o ir visitar á sua chegada.

Mas quem pôde dispôr dos seus sentimentos, e contar com o seu espirito no meio da effervescencia geral?

No dia 2 de março comecei a sentir que a febre do novo governador se apossava de mim, e sahindo enthusiasmado de casa, fui comprar um chapéu novo! Era uma reforma importante no meu traje.

Aquelle homem por quem se faziam tantos trabalhos de recepção aguçava-me a curiosidade. Os homens pareciam temel-o, as mulheres pareciam adoral-o; e ser temido dos homens e adorado das mulheres é ter attingido a meta da felicidade para qualquer creatura máscula.

No dia 3 devia elle chegar, e o ponto da entrevista era a nove milhas da cidade.

Levantei-me, sem mesmo pensar em lá ir, até porque, se quizesse ir, não tinha em quê, tendo emprestado o meu cavallo.

Às 9 horas sahi de casa, mas não encontrei ninguem. Fui almoçar, e não encontrei ninguem. Fui a casa de alguns amigos, e não encontrei ninguem em casa. Comecei a dar ao diabo o novo governador. Eu já começava a perder o habito de viver sózinho, e queria companhia.

Voltei ao café Europeu e deparei com Mr. Turner. Dirige-me logo a elle e sem mais preambulos pedi-lhe um cavallo. Mr. Turner julgou que eu não estava bom de cabeça. Pedir um cavallo n'aquelle dia e áquella hora só um inconsciente o faria.

Eu insisti em querer um cavallo, e a difficul-

dade que se levantava era apenas incentivo para exacerbar o meu desejo.

Depois de muito pensar Mr. Turner teve uma lembrança.

Elle tinha um pôtro, ainda não montado, bravo, diabolico.

Se eu quizesse o pôtro elle emprestava-m'o. Fomos logo á cavallariça.

Para apparelhar foi uma campanha, para montar outra.

Depois de varias teimas, em que tiveram razão umas esporas enormes que me tinha dado Mr. Cark em Shoshong, consegui endireitar no caminho do acampamento. Por uma questão de habito eu queria vêr o major Tyler e o capitão Saunders, antes de ir esperar o governador. Foi uma infeliz lembrança.

O regimento 8o estava formado em revista, e acabada ella pude fallar aos meus amigos; mas de repente a musica começou a tocar, e o cavallo, espantado com o zabumba, começou a fazer taes e taes desconcertos que tive de largar d'alli a toda a pressa, atropellando as barracas de lona do campo e fazendo até fugir de uma d'ellas alguem que lá estava. Pude vêr-me afinal em campo livre, e o pôtro pagou caro os seus atrevimentos de momentos antes.

Às duas horas eu alcançava as cavalgadas e estava entre os meus amigos, mas estava em lastimoso estado de fadiga e cansaço.

Pouco depois, uma carroagem escoltada por alguns voluntarios de cavallaria, chegava em sentido opposto, e apeava-se d'ella o novo governador do Transvaal.

O coronel Sir William Owen Lanyon, K. C. B., correspondia á expectativa geral.

Era novo e bello, e do peito da sobrecasaca pendia-lhe a *Victoria Cross*.

Todos estavam contentes, e os freneticos hurrahs! que lhe levantaram, eram d'isso prova. Seguimos para a cidade. O meu cavallo, no meio dos vivas e dos outros cavallos, estava insupportavel e custava-me a conter.

De repente espantou-se com uma carroagem, deu um enorme salto e partiu. O meu chapéu novo, o chapéu comprado na vespera, cahiu por terra, enquanto eu era levado com uma velocidade enorme, n'um correr desenfreado.

Passei, e em breve perdi de vista carroagens e cavalleiros.

O terreno era bom e eu deixava correr o endiabrado, que afinal havia de parar em alguma parte.

¹ C. B. Cavalheiro do banho.

² A *Victoria Cross* é a mais nobre condecoração da Inglaterra, e só é dada por uma acção de extremado valor em campo de batalha.

Apesar de muito distanciado da comitiva do governador pareceu-me que sentia um outro correr de cavallo perto de mim, e voltando-me na sella percebi que era seguido e ia ser alcançado em poucos momentos.

Uma gentil amazona, muito melhor montada do que eu, porque montava o meu Fly, ria a bandeiras despregadas das minhas tribulações, e em breve emparelhando commigo estendia-me o pobre chapéu que eu tinha perdido, e que ella, com essa pericia de todas as damas das colonias do sul d'África, que são as primeiras cavalleiras do mundo, tinha apanhado do chão e me vinha trazer, mofando de um cavalleiro que perdia o chapéu e o deixava apanhar por uma dama.

Eu estava envergonhado, e sem me lembrar de que era impossivel fugir ás pernas vigorosas e ligeiras de Fly, tentei instigar o meu cavallo a uma fuga, a que elle já se recusava, apresentando uma fadiga bem motivada.

Entrei em Pretoria sempre perseguido pelos chascos da amazona azougada, e depois de ir entregar o pôtro a seu dono, fui a pé para o palacio, onde esperei a chegada da festival comitiva.

Chegaram elles, sempre dando mostras do mais enthusiastico contentamento.

O coronel Lanyon estava installado, e depois de um bem servido *lunch*, retiramo-nos.

O valente e sympathico coronel tinha captado todas as sympathias, e desde a sua chegada esqueceu o episodio do ataque dos zulos, narrado no anterior capitulo, para só se fallar d'elle governador.

Nos dias seguintes houveram recepções, sa-raus e *matinées* dançantes, a que eu não assisti, preocupado já com a minha sahida para Durban.

No dia 5 fui eu, a uma legua de Pretoria, vêr uma curiosidade em que inglezes e hollandezes me fallavam muito.

Era o *Wanderboom*, a arvore sagrada. Effectivamente, é digno de vêr-se esse gigante vegetal, que os Boers mostram com admiração, e que, deitando dos altos troncos novas raizes que vieram procurar a terra e se converteram ellas mesmas em caules, fôrma por si só uma espessa matta.

Finalmente, depois das mais cordiaes despedidas aos muitos amigos que tanto me obsequiaram em Pretoria, parti no dia 8 para Heidelberg, onde cheguei por noite fóra.

Decidi demorar-me alguns dias n'aquella bonita villa, para fazer as minhas ultimas observações e fechar os meus trabalhos.

N'um jantar em Pretoria, em casa de Madame Kish, fiz eu conhecimento com um sujeito chamado Goodliffe, que sabia não ser de Pretoria, mas que não pensava tambem ir encontrar em Heidelberg.

Mr. Goodliffe convidou-me para sua casa e fez-me os maiores favores.

No dia immediato ao da minha chegada, depois de fazer as observações da manhã, fui dar sózinho um passeio nos arredores, e comecei a trepar montanhas e montanhas, até que, d'um pico muito elevado, consegui dominar a paizagem. Pareceu-me que devia estar a uma grande altitude, porque dominava todas as cumiadas do *Zuikerbosch-Rang*.

Olhei para o meu barometro aneroide de al-gibeira, e vi que elle marcava dois mil metros!

Decidi logo voltar lá no dia immediato a fazer observações mais seguras, e effectivamente assim o fiz.

Era na verdade aquella a maior altura a que eu tinha estado na minha viagem, e não deixei de fazer especial menção d'ella.

No dia 11 de março, depois de ter concluido todas as observações e fechado os meus trabalhos, parti de Heidelberg, ás 8 horas da manhã, em um *dog-cart*, que precisa de uma breve descripção pela sua originalidade,

Era um d'esses carros de fabrica americana, ligeiros e fortes, montados sobre duas rodas altissimas, e que, em lugar de varaes, tem uma forte lança, onde se atrella uma parelha em troncos, e d'onde partem os tirantes para umas sotas soltas.

Tem dois assentos, costas com costas, que podem admittir quatro pessoas. Bagagens nenhuma pôde conduzir, e apenas uns pequenos volumes na exigua caixa.

O meu cocheiro era um mulato, creio que Gricua, chamado Joaquim Eliazar.

Os meus companheiros eram o tenente Barker, do 5.º regimento de West York, e o seu impedido Dupuis.

Logo á sahida de Heidelberg tivemos de atravessar o ribeiro que corre alli, cujas margens quasi a pique dão difficil passagem a um carro.

A primeira foi passada sem difficuldade, mas na segunda o *dog-cart* tombou-sê, e o tenente Barker cahiu sobre Dupuis e eu sobre Barker.

Levantamo-nos sem a menor contusão e rindo do caso. Dupuis, que tinha um nome francez, mas cuja nacionalidade eu nunca pude entender bem, porque elle fallava indifferentemente todas

as linguas, e servia indifferente todos os paizes, começou logo a contar varios casos de quedas e carros tombados, que lhe haviam succedido em França, na Russia, na America e na China.

Dupuis era homem de 55 a 60 annos, baixo, espadaudo e robusto. Tinha servido no exercito francez na Criméa, e contava com enthusiasmo a carga de Balaklava.

Tinha servido no exercito inglez na guerra

da China; na America serviu os Federaes, bateu-se depois na França pela Allemanha, em 1870. Conheceu na India o major Cavagnari, e vinha de lá bater-se contra os zulos.

O seu *desideratum* era ser soldado enfermeiro nas ambulancias do exercito inglez, mas emquanto o não conseguia, ia sendo camarada do tenente Barker.

Barker era um d'esses jovens inglezes, loiro, olhos azues, tal emfim como os vêmos, en-



ORAÇÃO DA TARDE EM CASA D'UM BOER — Composição de Y. Pranishnikoff, segundo o texto

contramos e conhecemos em toda a parte do mundo.

La cheio de enthusiasmo encontrar a columna de Sir Evelyn Wood, e bater-se contra os negros de Catjuaio.

Trabalhamos todos quatro rudemente para pôr o carro em estado de seguir, e uma hora depois voavamos por sobre a planicie, puxados por quatro ligeiros e robustos cavallos do paiz.

Choveu bastante durante o dia, e ás 2 horas encontravamos o rio Waterfalls a transbordar. Era um embaraço.

Alguns vagon de Boers estavam parados junto d'elle sem se atreverem a transpôr-o.

A profundidade maxima era de dois metros. Um dos vagon de Boers estava carregado de lenha, e apresentava do topo da carga ao chão uma altura de mais de tres metros.

Offereci ao Boer seu dono cinco xelins se elle quizesse transpôr o rio, e me deixasse ir com os meus papeis encarapitado no alto da carga. O homem acceitou, e eu, Barker, Dupuis e os nossos pequenos haveres, armas e cartuchos, accomodamo-nos sobre a lenha.

Oito juntas de possantes bois foram jungidos ao wagon, que, poucos momentos depois, estava na margem opposta.

Joaquim Eliazar, em pé, sobre os assentos do *dog-cart*, com agua pela cintura, e segurando as guias com destreza de um cocheiro consummado, tambem transpoz o rio sem accidente.

Pouco depois tomavamos pela quarta vez cavallos frescos da posta, e continuavamos essa carreira vertiginosa em direcção ao vau de Standerton, onde deviamos passar o Vaal.

Ás 8 horas da noite, já com uma fome desabrida, entravamos em uma modesta estalagem de Standerton, onde tinhamos uma pessima ceia e não melhor cama.

De Heidelberg a Standerton o paiz é planicie enorme, a perdêr de vista, onde não cresce uma só arvore, e onde uma herva não muito alta serve de pasto a milhares de antilopes, pela maior parte bodes saltadores (*Springboks*.)

Sobretudo nas margens do rio Waterfalls vi innumerados, mas muito esquivos.

No dia immediato deixamos Standerton, ás 7 da manhã, depois de um almoço que nos fez lembrar que poderíamos ter almoçado se tivéssemos quê.

Pela tarde d'esse dia já começavamos a encontrar falta de cavallos nas casas de posta, saqueadas ou abandonadas por causa da guerra. Ao mesmo tempo recresciam as difficuldades do caminho, porque nos embrenhavamos nos desfiladêiros do Drakensberg.

Não se pôde fazer muito ideia do que seja viajar por montes e valles, sem caminho nem carreiro, em um *dog-cart* puxado a quatro soltas.

Ao entrarmos nos desvios da serra uma temerosa tempestade cahiu sobre nós, e uma chuva copiosa alagou a terra e o carro.

Veio a noite, e uma noite medonha. Os relampagos allumiavam as trevas para as tornar mais negras e densas.

Só a muita pratica do cocheiro podia guiar o carro por aquelles alcantis n'um correr desenfreado.

De vez em quando, uma cova, uma rocha, um precipicio, era nas trevas mais adivinhado do que visto, e um sonoro *All fast* (todos firmes) pronunciado por Joaquim Eliazar punha-nos de prevenção.

E a chuva a cahir, o trovão e o relampago a espantar os cavallos, e aquelle carro sempre a correr nas vértentes éste da alta cordilheira. Ti-

nha alguma coisa de phantastico o quadro, e se tivesse sido visto por outros que não nós deveria causar-lhes impressão profunda.

Dupuis tinha sempre uma historia a contar a cada solavanco do ligeiro vehiculo. Umaz vezes era na China, outras na America, outras na Russia, que o caso se tinha passado.

Depois Dupuis cantava, e era, já uma canção americana, franceza, chinesa ou hungara, que vinha perder-se no estrepitoso rodar do carro, ou no cem vezes repetido echo dos trovões.

Seriam 8 da noite, quando um clarão fixo e distante me chamou a attenção. Endireitamos para elle.

O caso não era muito seguro, mas continuar o caminho assim era peor do que encontrar os zulos.

Paramos a distancia da fogueira e eu dirigi-me a ella. Ao approximar-me vi que entre uns wagons, debaixo de um alpendre improvisado com pannos de lona, estavam sentados tres officiaes inglezes. Entrei rapidamente na zona de luz, para ser logo reconhecido e não levar algum tiro. Os tres sujeitos olharam para mim sem o menor espanto, e disseram-me polidamente: *Good evening, sir*.

Estavam tomando chá, e eu sentei-me sem cerimonia ao lado d'elles.

«Toma uma chavena de chá? me perguntou um d'elles.»

«Acceito reconhecido, e até acceitava de comer, porque tenho fome.»

«De comer! mas nós tambem não temos nada que comer, e só chá e um pouco de assucar possuímos.»

Tomei uma grande tijela de chá, e todo molhado deitei-me junto á fogueira, onde dormi toda a noite.

No dia immediato parti logo de madrugada, e só á noite pude matar a fome em casa de um Boer, que me leu tres paginas da Biblia, mas que em seguida me deu boa ceia.

Passou sem incidentes o resto da viagem até perto de Newcastle.

Alli encontramos o rio Newcastle a transbordar, e tivemos um verdadeiro trabalho para o transpôr, sendo preciso nadar, e molhando-se tudo o que traziamos.

Chegado á povoação de Newcastle o meu primeiro cuidado foi almoçar, com uma fome de 24 horas. Eu em Pretoria já tinha desaprendido a ter fome, e começava a impacientar-me quando a sentia.

Installei-me em um hotel, onde não se estava bem nem mal, e tratei logo de enxugar os meus papeis, e de tomar um lugar na diligencia que fazia o serviço d'aquelle ponto a Pietermaritzburg. Separei-me alli do meu tenente inglez, que se dirigia com o seu camarada ao theatro da guerra; e eu, um dia depois, tomava lugar na diligencia e partia para o meu destino.

Eramos nove no carro, oito homens e uma dama, e haviam alli só dois logares supportaveis ao lado do cocheiro.

Um foi cedido á dama e eu quiz o outro. Era-me elle disputado por um tenente de voluntarios, que trazia umas esporas enormes e um uniforme esplandecente. Cada um de nós apresentava os seus respectivos direitos ao lugar, ante o cocheiro, arbitro supremo n'aquelle litigio.

Uma meia libra subtilmente escorregada na mão do mulato, prevaleceu sobre uns poucos xelins dados pelo tenente, dizendo o cocheiro bem alto, que elle não era homem que se vendesse, e por isso entregava ao tenente uns tres xelins que elle tinha feito a offensa de lhe querer dar, e dizendo-me que tomasse o lugar cubiçado, em quanto o voluntario mavorte subia para o interior, furioso e iracundo, o honrado cocheiro punha as redias em ordem e fazia estalar o chicote.

Se o tenente estava furioso, não o estava menos a dama, que podendo ter a seu lado um elegante official, tinha por companheiro um maltrapilho como eu.

Achegou a si o vestido para não roçar pelos meus esfarrapados calções, e apesar de irritada contra o cocheiro, preferiu encostar-se a elle para evitar o menor contacto commigo.

Na primeira muda eu quiz vêr se derretia aquelle gêlo, se quebrava aquella malquerença que me affligia, e tendo encontrado uns frascos de amendoas cobertas, comprei pressuroso um, pensando, na minha inexperiencia em assumptos feminis, que uma dama joven e formosa devia gostar de doce, e ser vencida com bolos.

Ao dirigir-me ao carro eu já via aquella ruga formada entre os sobrolhos desfazer-se, já via aquelles labios pregados em gesto irado entreabirem-se em sorriso benevolente, já via um principio de conversação, e foi com a maior confiança que lhe estendi o meu talisman, o frasco dos confeitos. A joven dama, sem mesmo me dar a confiança de olhar para mim, disse-me seccamente: «Não tenho a honra de o conhecer.» N'um ataque repentino de despeito, atirei com o frasco fóra, e elle foi partir-se sobre uma rocha, entornando as espheras coloridas que rolaram em todas as direcções.

Estavam abertas as hostilidades entre nós.

Á hora de jantar paramos em Sunday's River, onde me deram um magnifico serviço por dois xelins e meio.

A dama e o tenente de cavallos ligeiros, á meza, muito unidos, lançavam-me olhares furiosos, e de certo me rogavam tantas pragas quantas as que cahiram sobre o Egypto com a sua obra de destruição.

Ao subir para o carro, ignorando quem eu era, e avaliando-me só pelos meus andrajos e pela minha barba desgrenhada, a joven ingleza disse ao filho de Marte: «que a gente ordinaria já se dava uns taes ares que irritavam.» Isto encheu-me as medidas, e eu prometti vingar-me logo que a occasião se apresentasse.

(Continúa.)

PEKIN E O NORTE DA CHINA

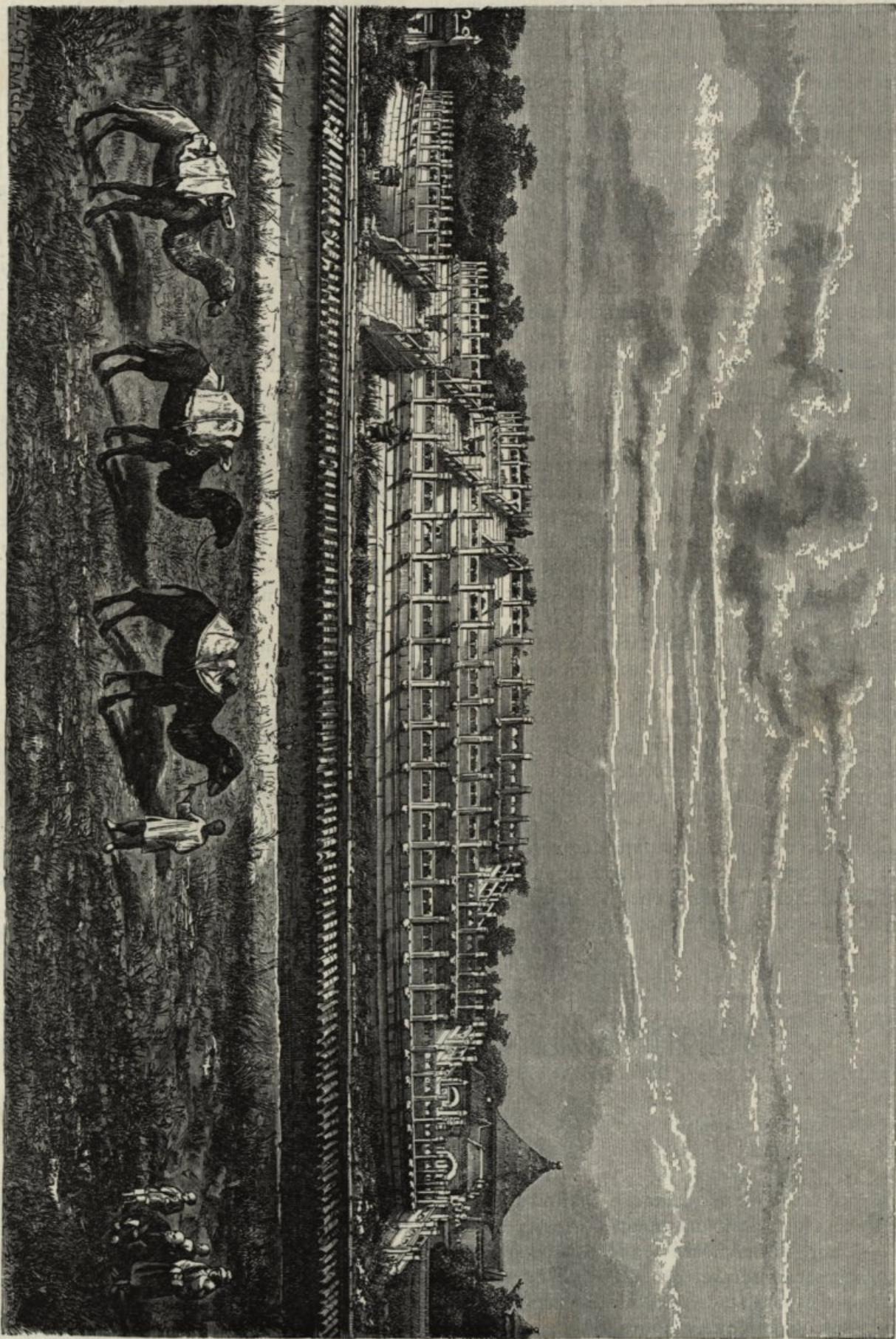
POR

M. T. CHOUTZÉ

(Continuação da folha 43 — 3.º anno)

A ESPOSA d'olhos baixos e medrosa entra com um prato na mão. «Respeitavel senhor, diz ella, ahi tendes o que pediste a este miseravel cão.» Tan-pa quasi que desmaia d'espanto e esconde a atrapalhação abandonando-se com o leque.» Agora mulher, diz Tan-

tsi, ajoelha-te ahi deante de mim para tirar esta bota esquerda que me está incomodando.» Apenas ajoelhada Tan-tsi estende as pernas em cima das costas da mulher. «Então, mano! que dizes! fazes lá em tua casa isto? diz Tan-tsi com sorriso vencedor. N'esse entretanto a esposa sem-



ALTAR DO TEMPLO DO CEU — Desenho de H. Calenacci, segundo uma photographia de M. Thomson

pre ajoelhada agarra no pé esquerdo do marido e começa a torcer-lh'o. Tan-tsi na cadeira remeche-se e abafa os gemidos com medo de perder a aposta. A este tempo Tan-pa, que em vez de ganhar dez taëls os vê perdidos, safou-se tão de mansinho que a cunhada esteve algum tempo sem dar pela sua sahida.

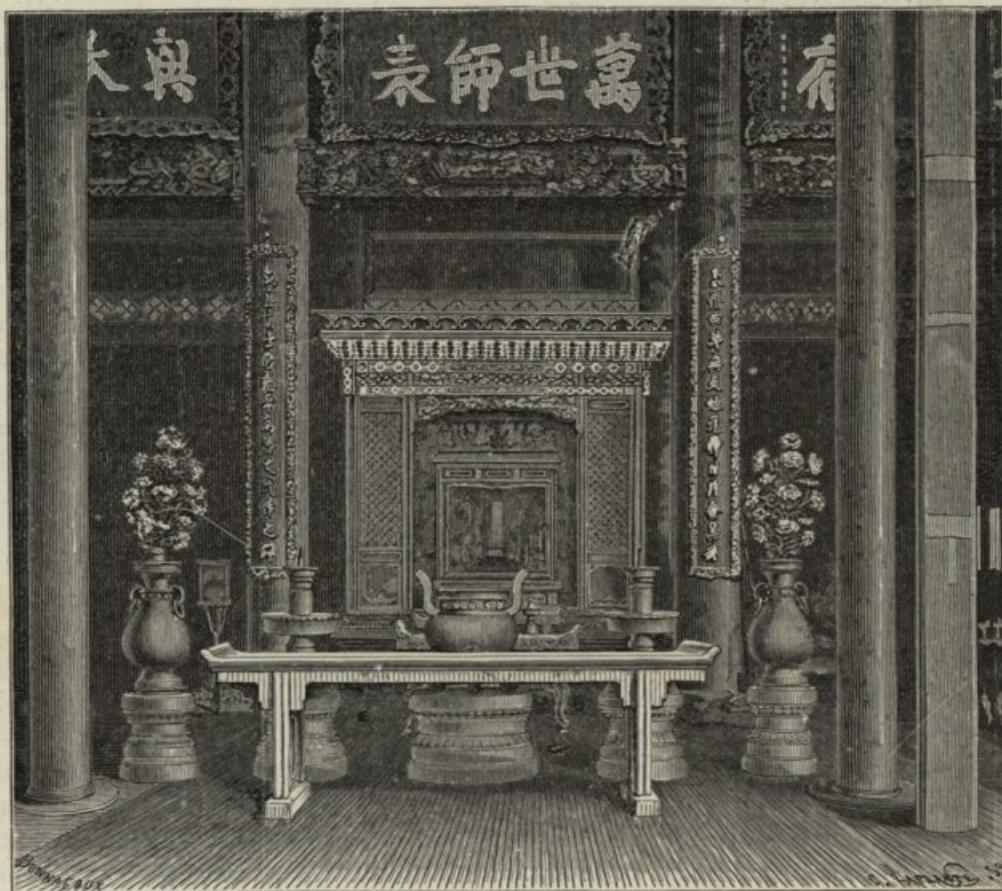
«Tan-tsi!... e os dez taëls! Vês, Tan-pa fugiu, e os dez taëls!... Maldito sejas!... quero-os.»

Tan-tsi, que afinal sempre conseguiu libertar a perna, fica aterrado vendo que o irmão desaparecera; tenta socegar a esposa jurando-lhe que irá reclamar de Tan-pa a aposta.

«Vaes, mas não has d'ir como toda a gente, diz a mulher. Olá! venha alguém! tragam cordas!

Um criado alentado entra.

«Tan-tsi, caro esposo, tira a roupa... tudo



RETABULO NO TEMPLO DE CONFUCIUS — Desenho do B. Bonnafox, segundo uma photographia de M. Thomson

quanto puderes tirar deante do publico que nos escuta... Bem, agora deita-te n'esse banco com o nariz para o ar. Amarra-o, diz ella ao criado.

Tan-tsi obedece com a maior submissão. Depois de estar amarrado a mulher aponta para a porta.

Com o enorme banco às costas, Tan-tsi passea com ar triste na rua.

De repente, ouve o seu nome, olha: qual não foi a sua surpresa dando de cara com o seu irmão que traz às costas o mesmo aparelho de que elle está carregado.

«Paga-me os dez taëls.

— Os dez taëls? diz Tan-pa. Mas se eu os

não tenho; eu tinha dito a minha mulher que os ganharia e como lh'os não levasse poz-me n'este lindo estado.

Então os dois irmãos desataram a rir e confessaram um ao outro os seus infortunios conjugaes.

«Mas no fim de tudo é preciso voltar para as nossas casas. Qual de nós passará primeiro?

— Tu, diz Tan-pa, o teu banco é o maior.

— Não; passa tu, responde Tan-tsi, o teu é mais pequeno.

Então a orchestra toca uma especie de marcha e os dois irmãos sahem da scena, cada um

pelo seu lado, d'um modo extremamente comico.

Estas scenas são representadas como o seriam pelos nossos melhores actores; o desempenho é tão perfeito que um estrangeiro não conhecedor da lingua chinesa poderá comprehender o sentido da comedia.

As religiões da China—O culto civil official—Philosophia de Confucius—Visita a um templo—Laotzé

As principaes religiões da China são: o taoísmo, datando do anno 551 antes de Christo; o buddhismo, introduzido no anno 55 da nossa era; o islamismo, de que já fallei, que data do setimo seculo, e o christianismo, que data d'uma maneira positiva do anno 638. Anteriormente a que a China fosse dotada com estas religiões, qual era o culto professado na China? São os mestres dos ritos e de ceremonias do primeiro imperador da dynastia dos Ming (em 1368) que responderão. Apresentaram à cõrte uma representação, onde declaravam nada ter encontrado de mais augusto do que as ceremonias que havia na antiguidade e onde rogavam ao imperador ordenasse que o sacrificio do solsticio do inverno fosse celebrado n'um altar redondo e o do solsticio do verão n'um altar quadrado; pediam que se restabelecessem os sacrificios nos mares e nas montanhas; que nas quatro estações o imperador sacrificasse aos manes dos seus antepassados e que na primavera e no outono houvesse sacrificios em honra dos espiritos terrenos.—O conjuncto d'estas ceremonias formava indubitavelmente o culto primitivo dos chinezes até Confucius, cuja doutrina philosophica perfeitamente se alia a essa especie de culto civil que ainda hoje subsiste na sua totalidade. Até à época de Confucius era moda fazer sacrificios humanos por occasião dos enterros. Hoje são apenas figuras em papel e manequins que se enviam para o ceu acompanhando os mortos.

O culto civil não tem imagens nem sacerdotes, mas tem altares de que o imperador e os funcionarios são os ministros. Estas ceremonias officiaes não os impedem de rezarem a Buddha, embora conservem as superstições do taoísmo.—O templo do Ceu, Tiène-tane, é em Pekin um dos mais formosos monumentos consagrados à religião official. Foi construido em 1420; occupa perto d'uma legua em circumferencia na parte sudéste da cidade chinesa, no extremo da grande avenida que parte de Tciène-mène. Esta avenida desemboca n'uma im-

mensa praça em todo o seu comprimento atravessada por uma calçada. O templo do Ceu é à esquerda vindo de Tciène-mène. O templo da Agricultura está-lhe na frente. A entrada n'estes edificios, como em todos os monumentos imperiaes de Pekin, é difficil. Poucos filhos de Pekin ahi teem entrado; primeiro, porque não teem esse desejo; segundo, porque para elles basta que uma cousa qualquer seja imperial para que seja sagrada, e por isso na China não é costume pôr sentinellas ás portas dos edificios, cuja entrada é vedada ao publico. Collocando-nos difficilmente no ponto de vista dos orientaes, nós outros, occidentaes, julgamos-nos auctorisados a entrar por toda a parte onde não haja uma bayoneta a impedil-o.—Se à nossa chegada em frente da porta do templo do Ceu se fecharem precipitadamente as portas é bom não desanimar. Aos monumentos da China acontece o mesmo que aos seus negocios. Fecha-se a porta por ser essa a ordem; mas deixam perceber que encontrando-se no muro uma brecha se pôde livremente passar por ella; por este modo ficam cumpridas as ordens e resalvadas as responsabilidades. Na China só a vaidade bate ás portas d'honra; pelos atalhos e pelas brechas chega-se sempre mais depressa ao fim; e na China em toda a parte ha brechas e atalhos. Aproveitemos, pois. No angulo sudéste do muro que rodeia o templo do Ceu o pô impellido pelo vento norte formou um talude. Chegado ao cimo d'este monticulo avista-se uma immensa avenida ladeada por duas alas d'arvoredo. A da direita está plantada d'acacias; a da esquerda de cyprestes e pinheiros. Desemboca a avenida n'um parque apertado entre as muralhas do segundo recinto do templo. É allí que é mister entrar. O primeiro jardineiro que encontramos comprimenta-nos amigavelmente; dá-se-lhe um charuto, dirigem-se-lhe algumas perguntas benevolentes; e emfim, fazendo reluzir uma moeda de prata, entra-se no ponto da questão e d'ahi no segundo recinto sagrado. Chega-se aqui por uma longa galeria de marmore.—Os sacrificios bisannuaes fazem-se ao amanhecer. O imperador vem na vespera installar-se de noite n'um pavilhão situado no parque. As galerias de marmore são então de seis em seis passos illuminadas por lanternas enfiadas em hastes de pau, que espetam em buracos abertos no marmore do pavimento.

Passa-se por um portico de pedra e achamos-nos diante d'uma triplíce plata-fórma circular e

pyramidal, feita de marmore. Sobe-se a cada uma d'ellas por escadas de nove degraus. A plata-fôrma inferior tem cento e vinte pês de diametro. No centro d'esta plata-fôrma, toda cercada, assim como as outras, de balaustradas de marmore branco, está uma meza de pedra em que o imperador sacrifica. N'esta occasião armam sobre a plata-fôrma d'este altar do Ceu uma immensa tenda de seda amarella. — Este logar é tão vasto e são tão bellas as arvores que o asombream que no alto da parte central d'este monumento ninguem deixa de ser attrahido pela immensidade d'abobada celeste. Um unico palacio ha alli perto, e o seu telhado de telhas de porcellana azul parece assim ter sido feito no intuito de o tornar menos visivel. Ha n'este edificio uma sala de throno. Nas proximidades ha os curraes das victimas, que geralmente são formosos touros negros. Ha tambem uma enorme fornalha, ladeada por uma escada de pedra, onde se fazem os holocaustos. — A ultima vez que visitei o templo ia com quatro amigos. Agora estamos bem longe uns dos outros. Um era o valente official de marinha Garnier. Foi pouco tempo depois que elle, defendendo a cidadella da Hanoë, foi morto á frente d'um punhado de homens. Um outro voltou para França; um outro está no Senegal. O quarto está em Téhéran. Tal é a sorte dos viajantes; as suas amizades d'um dia deixam tão profundos vestigios que para elles a morte apenas lhe parece uma distancia.

Como disse, datando a doutrina de Confucius do anno de 551 antes de Christo, nada tem d'incompativel com esta especie de culto civil primitivo de que o templo do Ceu é um monumento. Confucius condensou nos seus livros as grandes verdades que são em todo o mundo a emanação da consciencia humana. Estas verdades foram em seguida commentadas, controversadas e, melhor ou peor, interpretadas pelos seus discipulos e sabios da China. É por isso que os chinezes da doutrina de Confucius, chegaram a concluir que viver socegado e satisfeito sem se preocupar do que lhe succederá depois da sua morte é o supremo fim a que se deve mirar n'este mundo, esforçando-se todavia até aos seus ultimos momentos por conservar o respeito de si proprio, para ter o direito a ser pelos outros respeitado. Segundo a magnifica e erudita obra ha pouco publicada pelo conde de Kleczkowski sobre a lingua e litteratura chineza, a auctoridade de que o commentador Tchon-chi

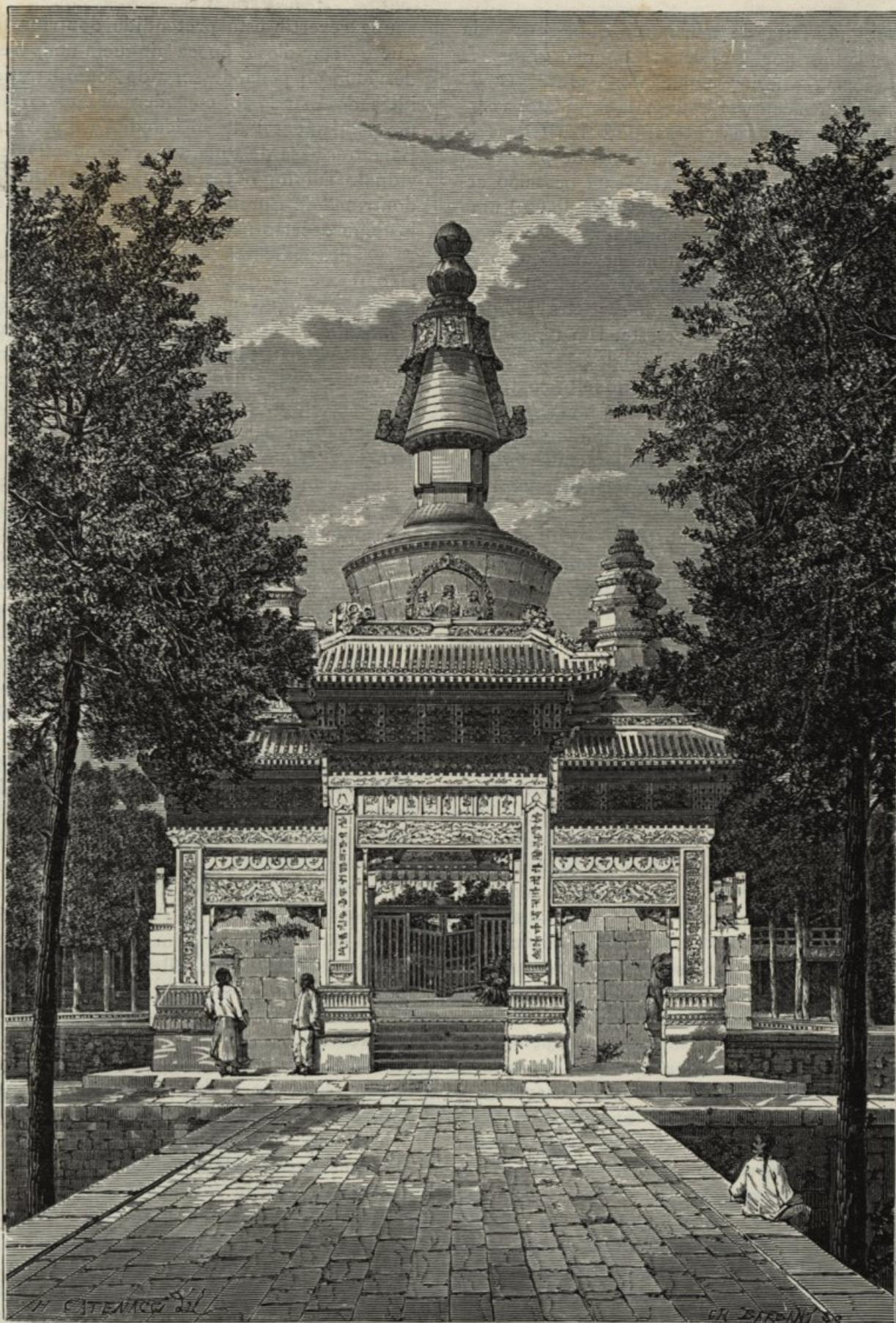
soube revestir esta pretendida doutrina foi tal que a datar d'esta época ninguem mais d'ella se desviou sob pena de ser tido como heretico. A ideia do Estado foi considerada como o principio fundamental da sociedade, e a salvação do Estado a base de toda a moral collectiva e individual. Tal foi o resultado mais evidente das doutrinas de Confucius, resultado que este philosopho decerto não previra.

Os descendentes de Confucius são ainda hoje alvo de certas distincções; o principal d'elles usa do titulo de «Duque sempre santo,» e é pensionista do Estado. Não ha cidade alguma na China que não tenha um templo da litteratura e de philosophia dedicado a Confucius. Em Pekin esse templo está situado ao norte da cidade. O altar principal contém um quadro tendo em caracteres d'ouro: «Ouane che che piao» (o chefe e o guia de dez mil mundos). A taboa que personifica o philosopho e na qual está traçado o seu nome, está fechada n'um tabernaculo aberto, deante do qual está uma meza comprida tendo em cima vasos onde se queimam perfumes, e dois castiçaes. No pateo do templo lêem-se elogios gravados em pedras, escriptos pela mão dos differentes imperadores que teem reinado em Pekin. Estas pedras compridas e estreitas estão á direita da porta d'entrada do templo que de resto, com grande escandalo dos viajantes japonezes, está muito mal conservado. Os japonezes difficilmente comprehendem que o maior philosopho da China seja com menos grandeza honrado na sua patria, do que é na mais infima aldeia japoneza.

Confucius foi contemporaneo do philosopho Laotzé e tinha por este uma verdadeira admiração.

«Se eu governasse um pequeno reino, diz-se na principal obra de Laotzé, procederia de modo que os meus subditos temessem a morte e não emigrassem... que escrevessem do modo mais primitivo. O homem santo procede de modo que o povo não tenha instrucção, nem saber, nem desejos... Na antiguidade, os que verdadeiramente seguiam a doutrina do Tao ou da «Razão suprema» de que eu sou hoje o apostolo, não se occupavam em illustrar os povos; occupavam-se em tornal-os ignorantes... O povo é difficil de governar por saber de mais.

«O Tao ou a Razão primordial produziu um, ou a unidade, que produziu dois ou a dualidade; a dualidade produziu tres e a triade a universalidade dos seres.



STHOUPA INDIANO OU MONUMENTO ERGUIDO Á MEMORIA DO PRIMEIRO GRÃO-LAMA VINDO A PEKIN — Desenho de M. Catenacci, segundo uma photographia

«Todos os seres se apoiaram no principio femea passivo (ine) e abraçam, envolvem o principio masculino activo (yang). Um principio, um *quid* vivificante sustenta a harmonia geral.»

Laotzé nunca quiz passar por um thaumaturgo ou divindade encarnada, mas os seus discipulos cercaram-o do maravilhoso. Como o pensamento d'um deus existia na philosophia de Laotzé, foi isto sufficiente motivo para que alguns homens quizessem ser os intermediarios entre esse Deus e os seus semelhantes.

É n'este ponto que a philosophia de Laotzé apresenta maior divergencia com a de Confucius. A philosophia de Laotzé tem por ministros uma especie de charlatães que chegam a pretender estar senhores d'uma bebida que dá a immortalidade. Estes ministros, chamados Taone, são pouco considerados em Pekin.

Foi pelo tempo da dynastia dos imperadores Tchéon que Laotzé vivia; o governo corrupto d'estes imperadores tinha sem duvida afinida-

des com o actual governo. Todavia n'este momento o reformador que quizesse prégear semelhantes doutrinas seria mais bem acolhido que todos os importadores das nossas modernas ideias do progresso. A China detesta as innovações; tudo que não fôr tradição nacional assusta-a. Laotzé e Confucius para vencer esta repugnancia nunca foram innovadores; qualquer propagador de religião nova na China, que não recorra a este estratagem, encontra difficuldades quasi invenciveis.—Se os propagadores do evangelho são aqui geralmente maltratados, é porque o evangelho não dá ao estado meio algum d'opprimir o povo. O evangelho não ordena a inercia, exige actos; pôde crear uma associação, uma sociedade particular independente; e uma sociedade na China semelha-se a um Estado no Estado, á ordem collocando-se irregularmente no meio da desordem sobre a qual o imperador China prefere governar.

(Continua)

UMA EXCURSÃO ARTISTICA POR ITALIA

POR VIRIATO SILVA

(Continuação da folha 44—3.º anno)

NUMEROSOS cafés, estabelecidos debaixo das arcadas, estão sempre repletos de consumidores: ao lado do principe, vê-se o operario, ao lado do artista, os jovens dissipadores de grandes fortunas, ao lado da authentica duqueza, a ramilheteira dos theatros. Esta multidão mesclada de todas as posições sociaes e de todas as raças, reúne-se em torno de pequenas mezas de marmore para tomar o seu *bicchierino*, o seu *gelato* ou a sua *granita*, deliciando os ouvidos com os accordes da banda marcial. Agrupam-se então em redor dos estrangeiros as *fioragi* (ramilheteiras), vendendo frescos bouquets de aromaticas violetas de Parma e camelias, apresentando a sua mercadoria com o sorriso nos labios e levando a condescendencia até ao ponto de collocar-nos as flôres na abotoadura da lapella; os vendedores ambulantes de mosaicos, conchas, filigranas; os graciosos *gamins* vendedores de periodicos populares; todos estes grupos revezam-se successivamente, passando-nos por deante dos olhos como as mutações rapidas de um kaleidoscopo. Os pom-

bos formigam por sobre as cupulas das torres, nos beirões das cornijas, nos coruchãos, e aos cardumes pelo centro da praça. Volteiam em redor de nós como garotos famintos, pedindo-nos tambem a sua *mancia*¹. Estes animaes gosam perfeitamente os fóros de cidadãos, garantidos por uma lei expressa, e dá mais completa liberdade, desde que Dandolo, depois da conquista de Candia, os considerou mensageiros de boas novas e lhes concedeu isempções e privilegios. Elles figuram em todas as obras d'arte antigas e modernas e são o emblema caracteristico das joias de estylo perfeitamente nacional.

Ácerca d'estes animaes, recordo-me da seguinte passagem bastante frisante. Fui uma manhã barbear-me a um estabelecimento de cabelleiro, situado no rez do chão de uma das arcadas da Piazza. Numerosos bandos de pombos voltejavam em redor das portas e das montras,

¹ Gratificação que se dá em Italia aos individuos que nos prestam algum serviço; equivale ao *pourboire* francez ou á *gorgeta* em Portugal.

e alguns d'elles mais ousados e conhecedores talvez dos seus fóros de cidadãos, entravam francamente esvoaçando pelo recinto do salão em que me achava. Notava eu, com grande curiosidade, a franca liberdade d'esses animaes, que facilmente podiam ser agarrados e ir augmentar o jantar do nosso Figaro.

O mestre escanhoador, com a perspicaz intelligencia que caracteriza os membros da sua classe, comprehendeu de prompto a minha surpresa, e apontando-me as innocentes aves, disse-me ao ouvido com um certo gracejo:

— *Eccole! Tutti fiorastieri gli mangere negli alberghi!*

Effectivamente, ao ouvir esta explicação, recordava-me de vêr com frequencia no *menu* do hotel este prato — *perdrix truffées aux champignons!*

Informei-me depois melhor, e soube que, apesar das severas penas com que punem os receptadores da liberdade das innocentes mensageiras, os inglezes são loucos por adquirirem um casal, levando-o como *ricordo veneziano*, para adornar os parques dos seus cotages de Sydenham ou de Wyndsor!

*
* * *

Penetremos na basilica de S. Marcos, passando entre os tres altos mastros (*pili*) de cedro embutidos em artisticos pedestaes de bronze e que datam do anno de 1505. Elles teem arvorado em epochas consecutivas os pavilhões dos tres reinos de Chypre, Candia e Morèa, depois o da republica veneziana, adornado do Leão alado, mais tarde o tricolor da republica franceza, nos tempos da conquista de Napoleão, succedendo-lhe a bandeira austriaca, durante o dominio da escravidão e, finalmente, desde o anno de 1866, ondeia nos topes a bandeira da Italia unida. Examinemos detidamente o interior do templo. Que grandeza, que magnificencia e que sumptuosidade artistica!

Cada pedra, cada columna, cada mosaico, é uma pagina viva e palpitante da gloriosa republica; uma lembrança indelevel das grandes acções d'esses esforçados campeões do Adriatico, que levaram a patria ao cumulo da maior grandeza, e que parece quizeram deixar a seus successores um incomparavel thesouro de maravilhas. Desde o doge Pietro Orseolo, que collocou a primeira pedra no anno de 976, até á

extincção da republica no tempo do ultimo doge Luiz Manin, em 1797, todos os chefes da grande nação a enriqueceram com os despojos das suas victorias e com o talento artistico dos grandes artistas, seus concidadãos. Os templos de Corintho, de Sparta e de Rhodes forneceram as quinhentas columnas e capiteis de porfiro e de marmore; a Turquia e a Grecia contribuíram com os seus melhores marfins, bronzes e mosaicos; compondo um templo unico no genero semi-europeu e semi-bysantino, uma maravilha de arte e de estudo.

Se o interior apresenta o mais perfeito e completo modelo de estylo purissimo romano-bysantino, o exterior não é menos notavel pela variedade dos estylos que entraram na sua composição, misturando-se o gothico, o grego e o bysantino, em uma profusão de cupulas e arcadas carregadas de adornos os mais extravagantes.

Sobre o portal admiram-se os quatro cavallos de bronze dourado, unicos que restam da epocha em que foram construidos, no reinado de Nero, e que depois de ornarem algum arco de triumpho em Roma passaram a Constantinopla, d'onde vieram embellezar a basilica de S. Marcos.

Para terminar esta curta descripção da famosa basilica, transcrevemos para aqui a judiciousa e sabia opinião que d'ella fez o illustre critico francez H. Taine no seu scintillante livro — *Voyage en Italie*.

«Os venezianos foram a Constantinopla e de lá trouxeram para os seus templos as fórmulas arredondadas, os arcos semi-circulares, as cupulas esphericas, tão apreciadas na architectura bysantina. Porém ao implantal-as no solo patrio, transformaram-n'as, e a igreja de S. Marcos differere tanto de Santa Sophia, quanto differere uma nação nascente, conquistadora e inventiva d'um velho imperio grave e compassado. Ao vê-la, os architectos soltam exclamações indignadas, não podem dar dois passos sem verem violadas as regras e confundidos os estylos. Não era possivel sobre o solo movediço em que assenta, copiar a enorme cupula de Santa Sophia; pois bem, em vez de uma unica grande, fizeram cinco pequenas alargando-as exteriormente em fórma de bulba, com flechas e ornatos esquisitos. É a phantasia creadora; ainda copiando, não se deixava prender pelas regras hieraticas do modelo. Aqui a phantasia, como por toda a parte em Veneza, é senhora e é rainha. Desde o peristilio, conhece-se-lhe o exuberante dominio.

«A nudez antiga dos arcos do portico foi adornada com um revestimento cannelado, que projecta em pontas gothicas a sua grinalda de estatuetas. Leves e finos corucheus vieram collocar-se sobre os contra-fortes. Quinhentos columnellos de porphyro, de marmore verde, de serpentina, sobrepuzeram e apertaram sobre as fachadas os seus andares incoherentes, os seus bustos classicos, ou melhor barbaros, o acervo magnifico das suas pedras multicolores. Portas sarracenas abrem-se aqui e além entre capiteis extravagantes, onde aves, leões, folhagens, espigas, cruces, complicam-se em emmaranhado e phantastico desenho. No tecto, mosaicos innumeraveis desenrolam mil scenas biblicas concebidas e executadas com a singeleza e inexperiençia infantil das illuminuras dos velhos missaes gothicos. Reconhece-se em tudo isto o homem da Edade Media, requintado e perturbado pelo christianismo, desdenhando o chão para buscar insaciavelmente o complexo e o multiplo, e bordando inquieto sobre a tela classica inspirada, uma decoração gothica original. Accrescentemos que esse homem, em Veneza, era além d'isso marinheiro e viajante. Tendo visitado, além dos mares, as basilicas bysantinas e as mesquitas mahometanas, necessitava reunir os marmores, os bronzes, os brilhos scintillantes do ouro e da purpura, para exprimir no seu christianismo a poesia faustuosa e complexa com que o deslumbrara o spectaculo brilhante do occidente...— Entremos.

«Não pôde haver maior e mais singular contraste do que a passagem repentina da praça de S. Marcos, ampla e alegre, cheia de luz e de graciosa animação, para o interior da basilica. Descem-se dois degraus, e os olhos mergulham repentinamente na purpura tenebrosa d'um pequeno sanctuario, de fórma desconhecida, cheia de reflexos amortecidos, apertado e sobrecarregado como o subterraneo em que um pachá guarda os seus thesouros. Duas unicas côres, mas as mais poderosas, revestem-n'o de cima a baixo; uma, a do marmore de veios avermelhados, que brilha nos fustes das columnas, nos muros e nas lages do pavimento; outra, a do ouro que scintilla nas cupulas, incrustado nos mosaicos, como que attrahe e fixa a luz. É um tom indescrivel o d'este brilho poderoso no meio da quasi escuridão do estreito recinto. A pouca luz que penetra vem de cima, coada atravez de vidros coloridos. Fórmias innumeraveis, pilares sobrecarregados de esculpturas, bron-

zes, candelabros, centenares de mosaicos, parecem ondular no ar, onde fluctuam em atomos luminosos os contrastes da noite e do dia...

Da basilica de S. Marcos pôde-se passar directamente pela porta *della Carta* ao palacio ducal ou dos doges, começado a construir por Philippe Calendario, nos tempos do infeliz Marino Faliero e só concluido em 1442. Porém é preferivel entrar pelo pateo para admirarmos a monumental *escada dos Gigantes* e lançarmos uma vista d'olhos para a fresta que dubiamente esclarecia a negra prisão em que esteve encerrado Silvio Pellico.

O pateo é ornado de duas formosas cisternas circulares de bronze, guarnecidas de bellos altos relevos, em redor das quaes vemos as aguadeiras venezianas com o seu traje garrido e pittoresco encherem os seus baldes de cobre resplandecentes que em seguida conduzem a casa, enfiados em uma vara que dispõem horisontalmente sobre os hombros.

O palacio ducal, como genero de architectura é talvez o edificio mais notavel de Veneza, e que mais assumpto offerece á penna do escriptor ou á palheta do artista. O exterior, á simples vista, tem o aspecto frio e rigido de uma fortaleza construida de preciosos materiaes e pedras cinzeladas com magnificos desenhos, porém, se o observarmos de perto, analysando os detalhes que compõe este edificio unico, então pasmamos como o artista encontrou na arte tantos recursos para organizar um todo original, disposto com todas as condições estheticas.

A galeria inferior é pesada e severa, mas, se olharmos para cima, quantas bellezas não encerra a formosa *loggia*, formada de ogivas sustentadas por esbeltas columnas, e mais para cima, a grossa parede de marmore vermelho e branco, coroadada por uma cercadura de columnellos e festões similhando uma finissima renda que garante a fimbria de um vestido. O palacio é de fórma quadrangular, formado em duas galerias ogivaes sobrepostas com mais de cem columnas, sendo as inferiores grossas como toneis. Sobre estas descansam os capiteis cobertos de uma verdadeira profusão de adornos e folhagens entrelaçadas de figuras humanas e animaes. As superiores, mais ligeiras e transparentes, supportam as volutas e os graciosos arcos gothicos que se entrelaçam d'uma maneira caprichosa.

A *escada dos Gigantes*, que dá ingresso ao palacio, assim chamada em razão das duas es-

tatuas collossaes de Marte e Neptuno que decoram o patamar, termina em um perystilo, onde se coroavam os doges, ornado com as estatuas de Adão e Eva. O perystilo antecede uma galeria, aberta em columnatas, que dá ingresso á famosa *scala d'oro*, entrada dos aposentos particulares dos antigos doges.

Entremos na sala do grande Conselho, hoje convertida em bibliotheca. As paredes foram decoradas pelos grandes pintores venezianos, exhibindo os fastos honrosos da republica. O pico d'esta immensa sala, que não tem menos de 55 metros de comprimento e 25,40 de largura, está em toda a sua extensão ornado dos retratos dos setenta e seis doges, começando por Angelo Participocio e terminando em Lourenço Priizk. O medalhão que continha o retrato de Marino Faliero está vazio, tendo em seu lugar uma inscripção em fundo negro, que commemora o crime e o castigo inflingido a este conspirador, concebida n'estes termos:

«Hic est locus Marini Falieri, decapitati pro criminibus.»

Entre os numerosos quadros que decoram esta sala, é digno da attenção de todos os amadores de bellas artes, o que representa o paraiso, que é a maior tela que existe no universo. Mede 25 metros de comprimento por 20 de largura, e é considerada a obra capital de Tintoretto, encerrando seiscentas figuras profusamente dispostas com o mais perfeito conhecimento da arte e esplendidamente desenhadas.

Era tambem na sala do grande Conselho que existia a sinistra *bocca di leone*, onde a inveja e o odio exerciam as mais terriveis vinganças. D'esta sala passa-se á *loggia*, de cujo balcão, que dá sobre o mar, presenciava a duqueza e a sua cõrte, no dia da festa da Assumpção, os desposorios do Doge com o Adriatico, a bordo do Buccatauro. Em seguida passamos á sala do *Scrutinio*, decorada como a anterior, com quadros de Ticiano, Tintoretto, Paulo Veroneso e outros, representando batalhas navaes, e no friso, medalhões com os retratos dos ultimos trinta e nove Doges.

Visitamos a sala da bibliotheca, rica em manuscritos e medalhas; o museu archeologico; dividido em cinco salas; a sala da Bussola, do Senado, do Conselho dos dez, do Collegio, das Quatro Portas e outras secundarias, todas decoradas com magnificos quadros historicos, bustos de homens celebres e estatuetas.

Deixemos por um momento as glorias da rai-

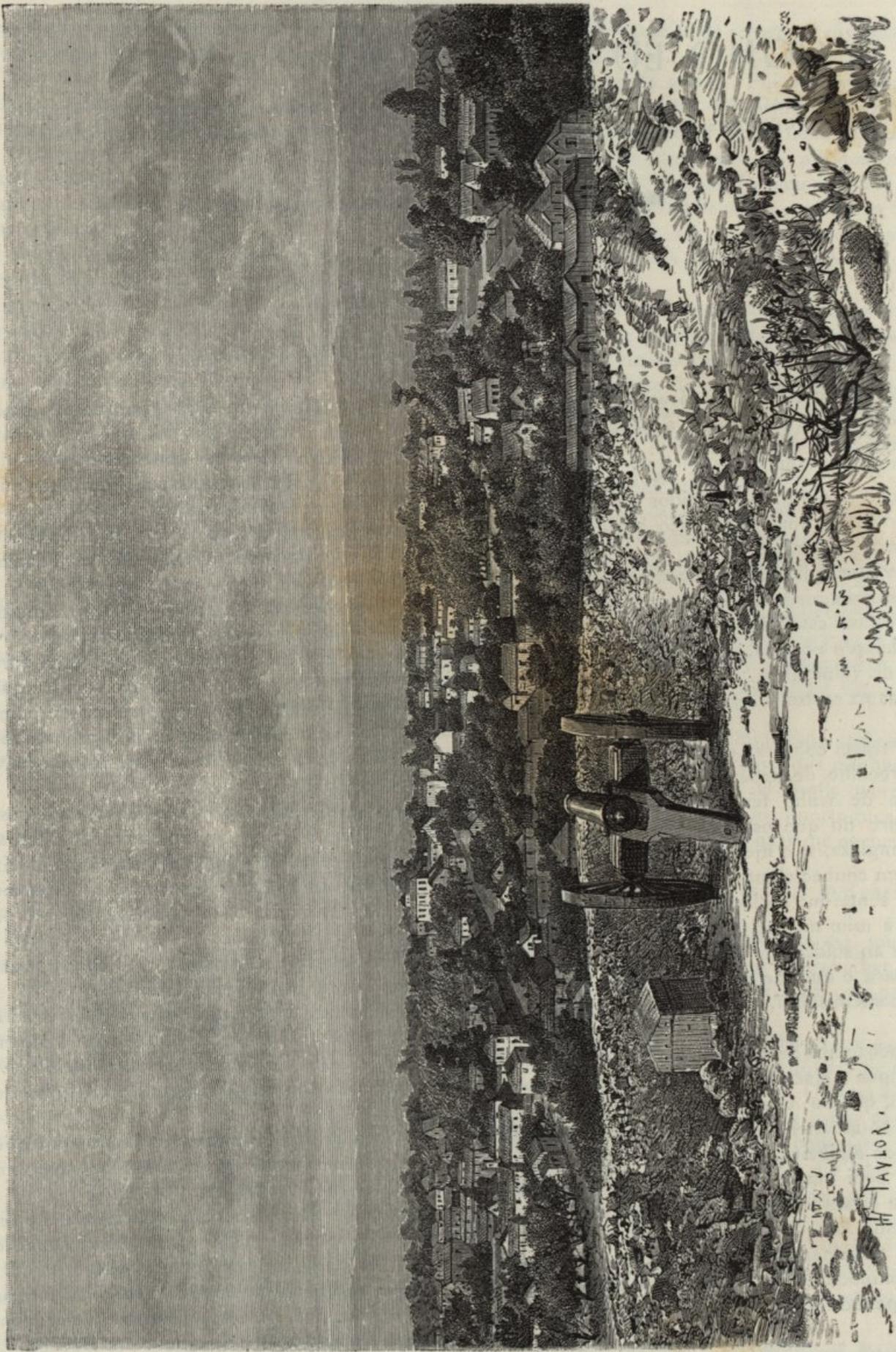
nha do Adriatico para penetrarmos no amago das suas tristes recordações—nos *pozzi* e nos *piombi*, atravessando a melancolica ponte dos suspiros que conduz a esses antros abominaveis. A ponte, construida em uma altura consideravel sobre o canal ou *rio di Palazzo*, tem exteriormente a fórma de um athaúde fechado, com uma unica abertura em fórma circular, por onde os condemnados ao atravessal-a viam pela ultima vez o sol da patria. Os *pozzi* são uma série de masmorras cellulares collocadas por baixo do canal, sem ar, sem luz, e onde os gemidos dos prisioneiros eram abafados pelas quatro paredes forradas de cortiça. O carcere das torturas, lardilhado de pedras polidas, afim de que o sangue das victimas corresse com facilidade, conserva ainda o gancho aonde se penduravam os desgraçados. Paulo Musset, conclúe: «Sobre esse pequeno banco de pedra que vêdes encostado á parede do corredor, um prisioneiro está assentado com os pés e as mãos fortemente amarradas por ferreas cadeias. Uma corda enrolada ao seu pescoço sahia do outro lado da parede por um pequeno buraco praticado na mesma e o qual deveis observar de perto. No corredor, uma das extremidades da corda que passava pelo pescoço do paciente vinha enrolar-se em um torniquete de madeira.

«Deixavam-n'o alli dias, mezes e annos esperando a morte que demorava a sua chegada. Uma manhã, no meio de um somno, de uma supplica... era violentamente interrompido; o carcereiro cumprindo a ordem do inquisitor fazia girar a manivella e os soffrimentos terminavam.

«O gondoleiro do carrasco não tinha mais do que approximar-se da pequena porta que dava extremidade do sinistro corredor, sobre o canal: envolvia o cadaver em um lençol e a funebre barca com a lanterna vermelha transportava-o por baixo da ponte della Paglia, do lado opposto da Giudecca, para o sinistro canal Orfano, que mede trinta pés de profundidade, e cujas aguas serenas e turvas ávidamente enguliam a presa. De ordem da policia veneziana prohibia-se aos pescadores lançar alli as suas redes. O recinto era reservado.»

Era assim que, na opinião de Montesquieu, o Conselho dos Dez conduzia, violentamente, o Estado á liberdade.

FIM



VISTA DE PIETERMARITZBURG—Desenho de Taylor, segundo uma photographia

H. TAYLOR.

COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

SEGUNDA PARTE

A FAMILIA COILLARD

(Continuação da folha 45—3.º anno)

Não tardou ella em apparecer. N'essa noite chegamos, ás 7 horas, a Ladysmith, onde devíamos pernoitar.

A villa estava cheia de gente, e transportavam-se para allí os feridos e os doentes.

Não havia uma cama, não havia um canto onde nos mettermos.

Em uma hospedaria encontramos quasi vazia a sala de visitas, e digo quasi vazia, porque só lá estava estabelecido um cabo de esquadra, que, deitado no sofá, não fez muito caso do tenente de voluntarios.

A dama sentou-se em uma cadeira e o tenente sahiu.

Eu travei conversa com o cabo de esquadra, e offereci-lhe de beber. A perspectiva de uma garrafa de vinho fez mais effeito no marcial guerreiro do que os confeitos tinham feito na loura ingleza, e o meu homem sentou-se e travou logo conhecimento commigo.

Eu sentei-me ao lado d'elle no sofá, prometendo a mim mesmo já não sahir d'alli. Depois propuz ao soldado ir elle buscar a garrafa de vinho, para o que lhe dei meia libra.

O homem sahiu, e eu deitei-me no appetecido movel.

Pouco tempo depois voltava elle com a garrafa, dois copos e cinco xelins de troco. Estendeu-me o troco, que eu, com um gesto de soberano desdem, não acceitei e que elle fez desaparecer na profunda algibeira.

Eu bebi um copo, elle bebeu sete; quando me ia a levantar, fingindo que lhe queria offerecer a sua conquistada propriedade, elle recusou-se terminantemente a isso, e eu estendi-me commodamente, envolvendo os meus pés n'um pelludo cobertor e preparando-me para dormir.

O cabo, meio embriagado, sahiu da sala, e

não sei o que foi feito d'elle, porque não mais o vi.

Pouco depois entrou o tenente, que disse á dama não ter podido encontrar melhor logar que aquelle para passarem a noite.

Olhou para mim e eu olhei para elle. O seu olhar parecia dizer-me: «Tenha dó d'esta dama, ceda-lhe o sofá.»

O meu respondia-lhe: «Sou homem muito ordinario para ter d'essas delicadezas.»

Resignados, chegaram as cadeiras uma para junto da outra e pozeram-se a conversar. Eu que pouco me importava de ouvir arrulhos de pombos, fechei os olhos e dormi como um justo até ás 3 horas, hora a que me vieram chamar para partir.

Ás 6 horas chegavamos a Colenso, onde passavamos o rio Tuguela em um magnifico fluctuador, e ás 3 da tarde paravamos na bonita aldeia de Howick, onde uma demora de 2 horas me permittiu ir vêr a formosa cataracta que a torna celebre.

Effectivamente, é uma das mais bellas paizagens que tenho contemplado, aquella.

Partimos, e pouco depois eu fazia parar a diligencia para fallar á minha gente, que encontrei nos wagons em que tinha sahido de Pretoria, que rodavam pesadamente no caminho de Durban.

Informado de que estavam todos bons e que sobejavam os viveres, segui, dando-lhe um ponto de reunião em Maritzburg.

Eram dez da noite quando chegava á capital da Natalia e me ia estabelecer no *Royal Hotel*, o melhor da terra, em um soffrivel quarto.

No dia seguinte passaram os wagons com as minhas bagagens e os meus pretos, com quem fallei e a quem prometti esperar em Durban.

Depois d'isto fui procurar Madame Saunders,

a esposa do meu amigo capitão Saunders, para quem era portador de cartas de seu marido.

Em casa d'ella fiquei encantado com uma criança, a filha de Saunders, em que elle muitas vezes me tinha fallado e que era encantadora.

Quando sahi da casa d'ella já eramos amigos, e eu prometia á pequena Didi de voltar a Maritzburg, se não encontrasse logo um transporte para a Europa em Durban.

No dia 19 de março, depois de ter feito uma jornada de 23 milhas em um ligeiro dog-cart, tomava a ferro-via, e corria sobre *rails* puidos em direcção a Durban.

Que impressão profunda me não causou o ouvir o sibilar da locomotiva!

Os postes telegraphicos, armados de pára-raios, como o são alli casas e construcções quaesquer, faziam-me outra vez lembrar da civilisação da Europa, do progresso do nosso seculo, da grande evolução da humanidade, e mil ideias confusas se me baralhavam no cerebro, quando ás 6 horas chegava a Durban.

Corri sem parar até onde pudesse vêr o mar, e foi com lagrimas a marejar nos olhos, que fiquei extatico diante d'essa mole immensa de aguas azuladas que se confundiam ao longe, para éste, com o azul dos ceus.

N'esse momento não pude deixar de dizer a mim mesmo, com certo orgulho: «Atravessei a Africa, este é o mar Indico.»

Voltei á realidade depois de alguns minutos de abstracção, e percebi que devia ir procurar um hotel.

Eu já sabia que em todas as cidades da Africa ingleza ha sempre um *Royal Hotel*, e pedi que m'o indicassem.

Depois de varias consultas entre o estalajadeiro e sua esposa, foi decidido que me dariam um quarto no fundo de um pateo. Tomei posse d'elle, e quando estava a fazer a minha *toilette* para o jantar, vieram dizer-me que me procurava o general.

Eu já por vezes tinha ouvido fallar no general, quando o meu hospedeiro combinava com a mulher sobre que quarto me daria, e percebi então que o general occupava uma grande parte do hotel, e que era preciso não o incomodar.

Recebi o general, que era um homem ainda novo e sympathico, e me disse que tendo sabido da minha chegada, me vinha convidar a jantar.

Era elle o general Strickland, commissario em chefe do exercito inglez.

Fui jantar á sua sala particular, onde conhe-

ci á meza um exercito de *reporters*, enviados por os jornaes inglezes, francezes e americanos, para darem noticias da guerra. Foi alli que conheci alguns d'esses homens, que, simples correspondentes de jornaes, teem sabido fazer conhecer o seu nome no mundo inteiro; foi alli que conheci os srs. Forbes, Francis-Francis e outros, que se teem immortalizado como o seu collega Stanley, que, antes de ser o primeiro dos exploradores africanos, foi o primeiro dos *reporters* americanos.

O general Strickland dispensou-me as maiores atenções e finezas, e fui seu conviva emquanto estive em Durban.

No dia seguinte fui procurar o consul portuguez, Mr. Snell, que teve para commigo muitas atenções, arranjando-me logo local, em sua propria casa, onde eu pudesse accomodar os meus pretos e as minhas bagagens.

Comtudo, de casa do consul portuguez sahi muito triste, por uma noticia que elle me deu.

O paquete para a Europa tinha partido n'esse dia!

Era um mez! era um mez que eu tinha de esperar n'aquella terra, onde nada me prendia; era um mez que eu tinha a esperar mais para poder abraçar os meus, para poder vêr o meu Portugal.

Resignei-me, e no dia immediato pude assistir á chegada dos meus pretos, das minhas bagagens, do meu papagaio e da minha cabrinha.

Installei-os em casa do consul portuguez, Mr. Snell, que continuou a dispensar-me os maiores favores.

Depois d'isto comecei a esperar que passasse um mez!

Os meus trabalhos, sempre em dia, não me deixavam ao menos o recurso de trabalhar.

Nos primeiros dias encontrei em que passar as manhãs sem sahir de casa.

A casa de banho do *Royal Hotel* era do outro lado da rua, e os hospedes tinham de fazer uma caminhada para irem a ella. O hotel estava cheio de officiaes, que chegavam todos os dias de Inglaterra. Logo de manhã começava uma procissão, entre a casa de banho e o hotel, de homens de todas as idades e feitios, em trajes muito ligeiros, levando cada um uma toalha e uma esponja enorme. Divertiu-me aquella scena burlesca por dois dias, mas aquillo durava apenas uma hora de manhã, e eu não sabia que fazer no resto do dia.

Comecei a aborrecer-me muito, e acirrado

pela contrariedade que me causava a demora, comecei a soffrer.

Sentia em mim um vasio enorme. Habitudo a um trabalho de ferro, a uma vida tão activa, a uma tensão de espirito constante, á ideia de alcançar um fim, tinha chegado á meta, e sentia uma falta que não podia superar.

Adoecei, e pela primeira vez na minha vida tive medo de morrer.

A guerra preocupava todos os espiritos, e no meio d'aquelle mundo em que vivia não tinha uma só affeição.

Um dia, no leito onde me tinha prostrado a doença, e onde nem uma amizade me vinha trazer uma palavra de conforto, tinha só na ideia a saudade de uma esposa adorada e de uma filha estremecida, quando me veio á lembrança essa creança que eu tinha visto em Maritzburg e que tanta impressão me tinha feito—a filha do capitão Allan Saunders.

Em miseravel estado de saude, sahi de casa, tomei o caminho de ferro, e segui para a capital da Natalia.

Logo que me estabeleci no *Royal Hotel*, parti para casa de Madame Saunders.

Fui recebido com a maior affabilidade por aquella dama, e com muitos beijos pela pequena Didi, que eu levei a jantar commigo ao hotel.

Eu já tinha dinheiro meu, que me tinha sido emprestado sobre a minha assignatura particular, e já comprara um vestuario decente.

Uma boneca e uma caixa de amendoas fizeram de Didi minha amiga intima, e sobretudo uma tartaruga enorme que me deram no hotel e que eu lhe dei, tornara aquella amizade em verdadeira paixão.

Outro motivo não era de certo estranho ao amor d'aquelle creança.

Madame Saunders, para me ser agradavel, deixava-me a sua filha já em sua casa, já na minha, e Didi encontrava n'esta liberdade o meio de nunca ir á mestra. Esta consideração devia pesar tanto como a tartaruga e a boneca, na sua affeição por mim.

Ao mesmo tempo, Mr. e Madame Furze, o coronel Mitchell, o coronel Baker, o capitão Whalley e outros, faziam-me encontrar n'elles verdadeiros amigos, que me enchiam de favores; mas Didi, aquella linda creança de nove annos, preenchia um vacuo na minha existencia de então, com as suas meiguices, e ás vezes com os seus amuos e perrices.

Sem esta creança, eu teria talvez succumbi-

do ao tedio que me ganhou e que me prostrou ao começo em perigosa doença.

Pietermaritzburg é uma bonita cidade, tem magnificas casas e soberbos templos, em um dos quaes ouvi por vezes a palavra eloquente, arrebatada e cheia de fogo, do sabio bispo Colenso.

Ha alli formosos jardins e mimosissimas flores, sendo as damas de Natal muito dadas á floricultura, e concorrendo muitas vezes a certames nas exposições locais. Tem um magnifico parque, onde á tarde circulam muitas e brilhantes equipagens.

No tempo que alli passei, apresentava a cidade um aspecto desusado e um movimento consideravel, consequencias da guerra dos zulus. Os hotéis estavam cheios de militares, os quartéis regorgitavam de soldados, e muitos acampavam fóra d'elles. No *Royal Hotel*, que diziam ser o melhor, o serviço era mau, devido isso talvez ao excesso de hospedes que alli havia. Havia tambem, em geral, um grande abuso nos preços de tudo, e isso era consequencia de o governo pagar sem regatear.

O estabelecimento catholico de Maritzburg é muito importante, e tido com a maior ordem, goza de grande credito na colonia.

O consul portuguez, Mr. Snell, escreveu-me que tinha chegado o paquete *Danubio*, da *Union Steamship Company*, que devia seguir para Moçambique e Zanzibar no dia 19 de abril.

Parti, por isso, de Pietermaritzburg a 14, depois de ter feito saudosas despedidas aos amigos que alli deixava.

Dirigi-me ao *Royal Hotel*, e não pude obter um quarto. Então Mr. Snell tratou de me arranjar alojamento, e pôde obter um quarto de banho no club de Durban, onde me fizeram uma cama no chão.

Os officiaes que chegavam cada dia, não tendo onde se metter, armavam barracas de campanha nos pateos e nas ruas em volta dos hotéis e do club.

Por o mesmo paquete em que eu devia partir para o norte tinha chegado o infeliz principe Napoleão, que tão caro devia pagar a sua ousadia e coragem. Conheci-o, e não pude deixar de me affeioar, no curto convivio que tivemos, a esse joven sympathico, intelligente e illustrado, a quem uma morte ingloria e estúpida cortou tão prematuramente uma existencia brilhante.

Quantas vezes eu lhe repeti o meu principio fundamental da vida africana, «de desconfiar em Africa de todos e de tudo, até que provas irre-

futaveis não nos fizessem confiar em alguém ou em alguma coisa.»

A sua natureza ardente, a inexperiencia dos seus poucos annos, a sua coragem leonina, e esse descuido peculiar á juventude cheia de illusões e crenças, causaram a sua perda. Só quem o não conheceu o não lastimará; que n'elle havia o germen de um grande homem, havia uma attracção indefinivel para captar todos os corações.

Estranho á politica da França, n'estas poucas linhas lavro um testamento de saudade ao

mancebo desterrado que foi meu amigo, e não ao principe que representava um principio, e faço-o tanto mais desassombradamente, que vi os seus proprios adversarios lastimarem aquella grande catastrophe.

Nas vespéras da partida travei relações com Mr. e Madame Du Val, e recebi d'elles muitos favores, e finalmente, a 19 de abril, embarcava com os meus pretos e as minhas bagagens n'um pequeno vapor que me devia conduzir ao *Danubio*, ancorado fóra, porque em Durban ha apenas uma pequena enseada, fundeando os grandes



UMA VISTA DE DURBAN—Desenho de D. Lancelot, segundo uma photographia

vapores na costa limpa. O mar estava um pouco picado e custou a atracar ao *Danubio*.

Mr. e Madame Du Val iam commigo, porque Mr. Du Val, chefe da companhia hollandeza em Africa Oriental, ia passar em revista as feitorias de Moçambique.

A passagem das bagagens do pequeno vapor para o *Danubio* foi difficil, pelo mau estado do mar, e uma das minhas caixas cahiu, sendo esmagada e desfeita entre os dois vapores.

Caixa e conteúdo foram ao mar, mas o commandante Draper fez arrear logo um escaler, e pôde conseguir salvar algumas das cousas que ella continha e que fluctuavam, outras afundaram e estavam irremediavelmente perdidas.

Deixamos Durban, e não foi sem uma sensação de infinito prazer que eu senti o espadanar das aguas em torno do elice poderoso, que a cada rotação me impellia no caminho da patria.

Em Lourenço Marques foi pouco o tempo para receber favores, e a maior parte d'elle foi passado com o meu velho amigo Augusto de Castilho, e com os meus amigos Machado, Maia e Fonseca.

A bordo o commandante Draper não cessava de me obsequiar.

Cheguei finalmente a Moçambique, onde fui encontrar todas as auctoridades na cama. O governador Cunha, o seu secretario e os seus ajudantes, estavam abrasados em febre.

Fui logo visitar o governador ao seu quarto de cama, e apesar do seu melindroso estado de saúde e do cuidado que lhe dava o estado de sua esposa, prostrada pela febre também, s. ex.* deu as mais terminantes ordens para facilitar o meu regresso à patria com a gente que me acompanhava, fazendo-me os mais subidos favores.

Fui d'alli procurar um velho amigo da guerra da Zambesia, o coronel Torrezão, em cuja casa me hospedei com os meus amigos Du Val.

Dois dias depois partia para Zanzibar, onde esperava encontrar Stanley, mas com o qual me desencontrei, tendo partido na vespera da minha chegada.

O dr. Kirk, consul inglez em Zanzibar, deu-me um jantar, e subidos foram os favores que recebi d'elle e de sua esposa.

Todos os europeus porfiavam em me obsequiar, distinguindo-se os officiaes da guarnição do *London*.

O commandante Draper, logo que soube que o vapor de Aden só partiria dentro de oito dias, não consentiu que eu fosse para terra, dizendo-me (com razão) que as hospedarias alli eram pessimas, e por isso fiquei vivendo a bordo, sempre com um escaler às minhas ordens.

Travei alli relações com um joven suizo, T. Widmar, que devia ser meu companheiro de viagem para a Europa.

Depois de uma semana de demora, em que cada dia foi assignalado por novos favores de Mr. Du Val e do commandante Draper, deixei Zanzibar, n'um pequeno vapor, de *British India*, onde recebi muitos favores do seu commandante Allen.

Em Aden, como a carreira do *British India*, tivesse uma demora de oito dias, eu e Widmar tomamos passagem a bordo de um vapor da *Lloyd Austriaca*, que nos conduziu a Suez, seguindo d'alli no primeiro trem para o Cairo.

Eu tinha adoecido gravemente, e foi Widmar o meu enfermeiro, tendo por mim cuidados de um velho amigo.

Ainda convalescente, fui ás pyramides com elle. Eu tinha visto o Zaire e o Zambeze; não queria voltar à Europa sem saudar o velho Nilo, e do alto do sarcóphago do rei Cheops, d'esse monstruoso monumento levantado ha quatro mil annos pelo orgulho dos Pharaões, eu vi-o correr placido e sereno, banhando as ruinas da outr'ora soberba Memphis.

Pouco depois, deixava o Cairo, soberba e

ardente cidade de ouro e de miseria, e ia em Alexandria fazer novos amigos e receber novos favores.

O conde e a condessa de Caprara, acima de todos, fizeram-me taes obsequios, que mais pareciam amigos de annos do que conhecidos de dias.

O consul geral de Portugal, o conde de Zogueb, também me fez offercimentos na vespera da minha partida, quando soube que o *Crédit Lyonnais* de Paris me tinha aberto um credito no Egypto, com dinheiro meu, mandado de Lisboa pelo meu amigo Luciano Cordeiro.

Esquecia-me dizer que, por um mal-entendido das ordens do governo de Portugal, eu estive no Egypto sem dinheiro, gastando da bolsa de Widmar e da do conde de Caprara, e podendo gastar de outras muitas estranhas que se me offerciam, e que não pensavam que eu fosse um cavalheiro de industria, porque não ignoravam que Portugal tivesse enviado á Africa a expedição de 1877, e que d'essa expedição o major Serpa Pinto voltava á Europa pelo mar Indico.

Segui de Alexandria para Napoles, e d'alli por terra para Bordeos, onde fui altamente obsequiado pelo nosso consul, o barão de Mendonça.

A 5 de junho, deixava Pauillac, e a 9, em Lisboa, pisava a terra de Portugal, no meio dos amigos mais dilectos que eu tantas vezes pensei não mais ver.

Na vespera haviam chegado os meus pretos e o meu papagaio.

Estavam pois a salvo os trabalhos, e os restos de um dos ramos da expedição portugueza ao interior da Africa Austral em 1877.

CONCLUSÃO

Vou concluir o meu trabalho; limitar-me-hei a dizer poucas palavras mais.

O resultado das observações astronomicas, calculadas por mim em Africa durante a viagem, foram recalculadas em Londres por Mr. S. S. Sugden, e podem ser ainda reverificadas.

Em todos os pontos onde me demorei mais de um dia, tive o cuidado de estudar as marchas dos chronometros, que, além d'isso, me eram reveladas pelas comparações diarias e pelas observações dos eclipses e dos reaparecimentos do primeiro satellite de Jupiter.

N'esta parte da minha viagem tive uma sur-

preza que me tirou algumas noites de somno. Foi ella a da grande differença que encontrei na posição de Shoshong (*Xoxom*) em longitude, e mesmo em latitude.

Homens distinctos, e sobre todos Ed. Mohr, passaram alli e determinaram aquella posição. Fiquei pois surprehendido, vendo que a minha determinação importava uma differença de mais de 60 milhas!

Durante a minha estada em Shoshong estudei cuidadosamente as marchas dos chronometros, e conheci que se conservavam sem a menor alteração. Continuando a viagem, o meu unico cuidado era chegar a ponto onde pudesse reverificar os chronometros por uma longitude conhecida.

Assim fiz, e as segundas observações foram calculadas dos estados dos chronometros, encontrados em Soul's Port e Heidelberg.

O ultimo reaparecimento que observei do 1º satellite de Jupiter, na noite de 13 de dezembro, e a verificação feita em Heidelberg, não me deixam duvida de que a minha posição deve ser muito proxima da verdadeira, emquanto á longitude; e emquanto á latitude, não tenho a menor duvida em a garantir a 30" de approximação.

Empreguei no calculo d'ellas a temperatura constante de 23 graus para o nivel do mar, por ser ella a media das temperaturas sob a pressão de 760 millimetros n'aquellas latitudes.

É minha opinião, que alli, não havendo occasião de fazerem-se observações simultaneas, deve ser aquella a temperatura empregada nos calculos.

A fórmula que empreguei para calcular as altitudes foi a seguinte, que é perfeitamente empirica:

$$A = (100 - H) \left(284.95 + 3.1 \frac{A}{1000} \right)$$

Esta fórmula não é mais do que a antiga fórmula de Laplace, em que se não leva em conta a constante 18,382 = 18,336 $\left(1 + \frac{1}{400}\right)$ que diz respeito á diminuição do mercurio na vertical produzida pelo peso, uma vez que nos hypsometros se não dá essa circumstancia.

Assim, pois, as taboas que empreguei, são construidas da fórmula:

$$A = 18,382 \log \frac{760}{B} + \frac{1}{6,366,200} \left(18,382 \log \frac{760}{B} \right)^2$$

e cujos numeros obtidos são reduzidos de $\frac{1}{400}$, e da taboa das tenções do vapor construida por Mr. Regnault.

Quem dêr uma certa attenção ás observações meteorologicas verá que as alterações atmosphericas n'esta parte da Africa, influem pouco ou nada na pressão, que se conserva a mesma no meio das mudanças e variações mais subitas.

Assim, pois, os resultados das observações hypsometricas apresentam uma certa garantia de approximação.

Esta parte da minha viagem do Zambeze ao Transvaal não apresenta aos geographos o mesmo interesse da parte de Benguella ao Zambeze, porque além do caminho de Deica a Shoshong, é ella mais ou menos conhecida. Assim pois, não me deterei aqui a accressentar ao que já disse, nada mais, além de duas palavras a respeito d'esse traço de Deica a Shoshong, e sobretudo da região dos lagos salgados, e isto porque já vi a asserção de um explorador eminente, de que o grande Macaricari derivava aguas para a costa de este pelo Xua (*Shua*) e Nata.

Não posso, nem devo, admittir tal hypothese.

A poucas milhas de distancia o Xua e Nata apresentam um desnivelamente de 24 metros, e bastava que a agua subisse no Macaricari metade d'esta altura para alagar o deserto todo.

Além d'isso verifiquei que o terreno se eleva muito para leste do Macaricari, e que todos os rios que descem ao lado apresentam desnivelamento grande.

A primeira agua que encontrei correndo a este foi a que nasce na altura de Linocanin, cujas vertentes oeste deitam agua a oeste no Deserto.

Assim, pois, instrumentos na mão, e calculos á vista, rejeito a ideia de que do grande Macaricari transbordem aguas para o mar Indico; e que me perdôe o meu illustre collega se o contradigo, e se não posso deixar de sustentar a minha opinião estribada em observações e calculos que não falham. Perdoe-me, e se ha n'isto a menor teimosia, é ella da mathematica, que tem ás vezes as suas brutalidades.

E com isto concluo a relação d'esses trabalhos, que eu devia ao meu paiz e ao publico em geral.

SERPA PINTO.

FIM

PEKIN E O NORTE DA CHINA

POR

M. T. CHOUTZÉ

(Continuação da folha 45 — 3.º anno)

O buddhismo—A sua introdução na China—O culto—A sua decadência—Indifferença chinesa—Leis respectivas aos bonzos.

Foi no anno 64 da nossa era que os imperadores da dynastia Han oficialmente acceitaram o buddhismo indiano. No setimo anno do seu reinado o imperador Mingti teve um sonho em que lhe appareceu um homem tendo na mão um arco e duas flechas. Era Buddha que se lhe revelava. O imperador consultou a côrte e «um explicador de sonhos» (é um cargo na côrte da China) respondeu-lhe que na Asia occidental havia um santo cuja estatua feita d'ouro tinha seis pés d'altura; que era mister mandar uma embaixada para trazer para a China a imagem de Fo e algumas das suas reliquias. Desde então o character ideographico pelo qual os chinezes designam Buddha foi formado d'um homem, d'um arco e duas flechas. Foi necessario mais d'um seculo para que o buddhismo do rito indiano se propagasse por toda a China, onde elle subsiste tal qual ainda hoje. A propagação dos dogmas buddhicos fez-se com muita difficuldade; os philosophos da escola de Confucius nos seus livros amaldiçoam a memoria do imperador Mingti; comtudo na época da introdução do buddhismo na China a religião buddhica, que prescreve a cultura moral da intelligencia, contribuiu posto que cercada de muitas extravagancias, para a civilisação da China então ainda muito eivada de barbaria. Desde então esta mesma religião tem visto augmentar a ambição dos seus sacerdotes e portanto diminuir o seu prestigio. Hoje que os chinezes depois de ter adoptado o eclecticismo em materia religiosa cahiram, como fatalmente succede em taes casos, no mais absoluto scepticismo e na indifferença religiosa, os sacerdotes buddhistas teem poucos fieis; os seus pagodes cahem em ruinas para não mais se levantarem; n'uma palavra, os deuses vão-se. Comtudo os templos que existem em Pekin e nos arredores teem ainda um grande character de esplendor. Entre outros citarei o templo da Lua, situado na avenida oeste de Pekin. Todos os annos ás seis horas da tarde do dia do equinoxio do outono se faz ahi uma festa solemne.

É o ponto de reunião das elegantes da capital: vão ahi queimar uns cirios, uma especie de paus d'incenso. Homens assistem poucos a estas ceremonias.

Os chinezes teem um proverbio que lhes pinta exactamente os sentimentos. Nas horas vagas, dizem elles, ninguem reza; mas quando se approxima a ultima hora todos se lançam aos pés de Buddha.

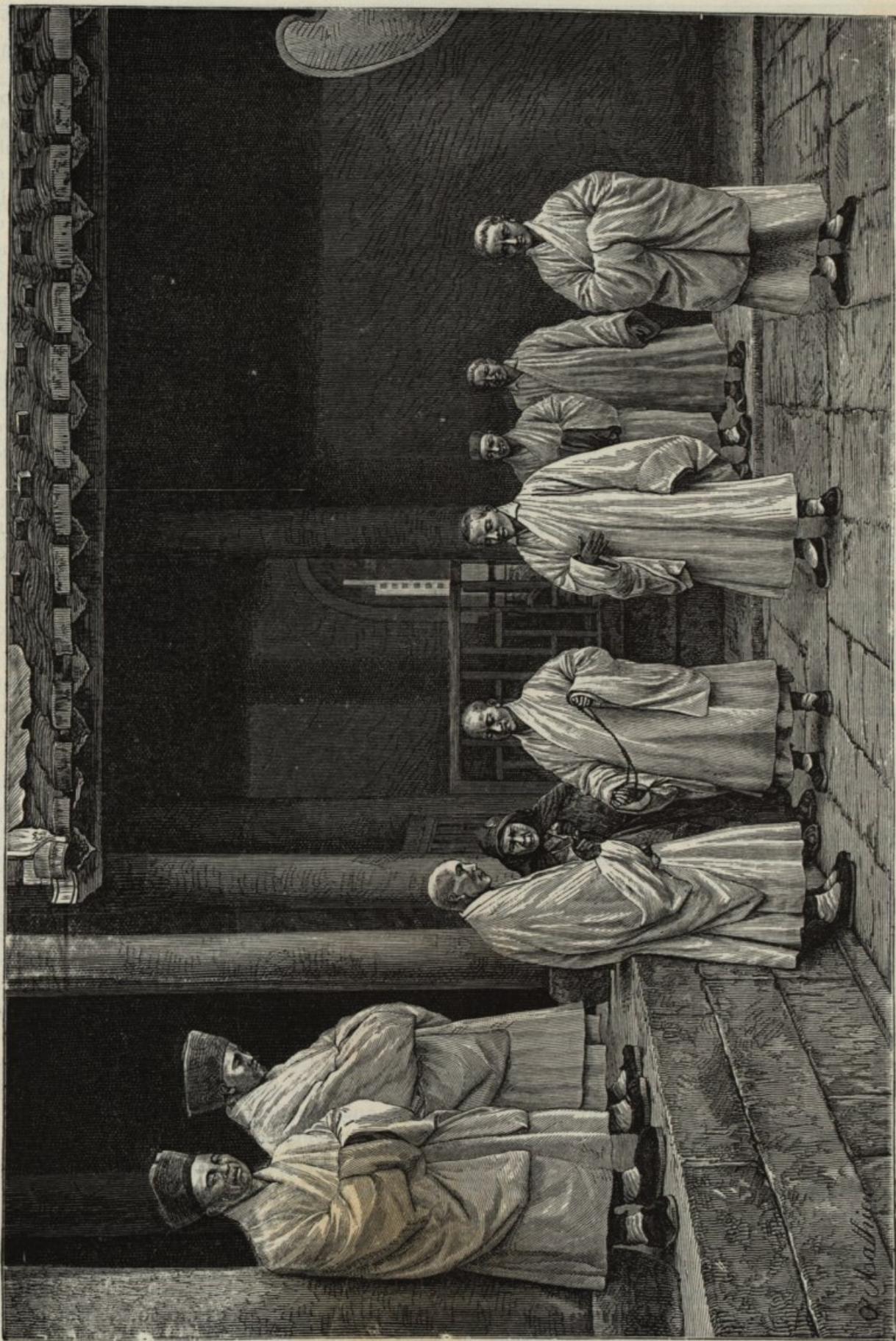
Com effeito é assim que os chinezes são buddhicos; muitos ha que só teem contacto com os bonzos na occasião do proprio enterro.

Os bonzos ou sacerdotes do rito buddhista antigo usam a cabeça completamente rapada; como cobertura da cabeça trazem uma especie de solideo de setim preto. A tunica chamada Kiacha, é geralmente cinzenta, com um colete preto que se cruza sobre o peitilho. Os costumes dos bonzos da cidade são pouco austeros; apresentamos a canção popular que o prova e que ao mesmo tempo dá a conhecer a civilisação da China, onde ha mulheres que batem nos homens:

«Um bonzo de cabeça rapada e luzidia—Vertia abundantes lagrimas;—Tocava o sino e o tambor sagrados—Aquelles instrumentos faziam: Tine-Tang—Os seus labios murmuravam: «Ó Buddha de Sifane que estaes no throno—Entre os santos Liéloane e Kiashia—Tende compaixão de mim, pobre bonzo;—Fazei com que eu possa fugir do templo,—Que nunca mais sinta frio, nem miseria,—Que possa casar com uma formosa mulher,—E emfim que nunca mais seja bonzo» (bis).

Pouco tempo depois o nosso bonzo,—Apresadadamente,—Casou com uma mulher de mau genio—Que, desde que elle entrou na camara oriental (conjugal)—Começou de ralhar,—E quiz morder o bonzo—Todos os dias eram passados a bater-lhe, a injurial-o,—As pancadas de martello choviam sobre a cabeça do bonzo fazendo: Pang!—Desacorçoado vae lançar-se aos pés de S. Sorhane e S. Jukine-Kang;—Queima-lhes incenso, dizendo:—Prefiro voltar a ser bonzo» (bis).

Os bonzos, assim como os sacerdotes taone,



BONZOS OU SACERDOTES BUDHISTAS DO CULTO INDICO—Desenho de O. Mathieu, segundo uma photographia de Mr. Thomson

não se podem casar. Ha uma pena de oitenta bastonadas para aquelle que infringir esta lei e o criminoso é expulso da ordem. O individuo que lhe deu uma parenta em casamento soffre igual pena; a mulher é reenviada para a familia e os presentes de nupcias são confiscados pelo governo.

Todos os sacerdotes da communidade, se foram cúmplices, estão sujeitos a igual pena corporal.

Além d'isto o bonzo ou o taone que continua a visitar seu pae e sua mãe, a fazer sacrificios pelos seus antepassados e a trazer luto pelos parentes mortos, como se não tivesse renunciado ao mundo, está condemnado a levar cem bastonadas e obrigado a abandonar a sua ordem.

Taés são as provas d'atensão que o governo chinéz se digna conceder ao culto buddhico do rito antigo. O publico não lhe presta maior consideração.

Quando um templo cahe em ruinas os bonzos esperam muito tempo que as esmolos produzam o dinheiro necessario para a reconstrucção do templo. Por isso muitas vezes á beira das estradas os bonzos nos pedem esmola; postados junto das ruinas do pagode tocam uma campainha.

A reforma lamaica—Tioug-Kaba—Monumentos buddhicos em Pekin—O Grão-Lama

Muitos chinezes augmentam com a sua pessoa o numero dos bonzos unicamente para fugir do bulicio do mundo e viver em socego em mosteiros bem situados, como por exemplo são aquelles em que estão estabelecidas as legações estrangeiras nas montanhas ao norte de Pekin. Estas vivendas são na realidade encantadoras, muito acciadas, muito commodas, á sombra de frondosas arvores e junto de transparentes regatões; os campos em volta fornecem legumes e magnifica fructa.

Os visitantes a estas vivendas são numerosos. Estão distantes da capital apenas duas horas.

Os sacerdotes do buddhismo reformado, graças mais a razões politicas do que religiosas, são mais bem tratados pelo governo. A reforma lamaica brotou em Amd'o, ao sul do Koukou-noor. Foi aqui que no anno de 1337 da nossa era nasceu Tsong-kaba, o iniciador do novo culto.

Tsong-kaba introduziu no buddhismo novos ritos a que os viajantes não podem deixar d'en-

contrar grandes similhanças com os do catholicismo. Na época em que viveu Tsong-kaba já havia muito que o christianismo se tinha propagado na China. Um metropolitano da China, segundo os auctores citados por Ebedjesus, tinha sido creado por Achœus arcebispo da Seleucia no anno 411. Arnobe, que viveu no terceiro seculo, contava os seres ou chinezes entre os povos que já no seu tempo tinham recebido o evangelho. Remontando mais alto vê-se n'uma memoria de Mr. Reynaud, que o apostolado de S. Thomaz na Asia superior não só se apoia na tradição constante da egreja, como tambem no testemunho dos escriptores gregos latinos e syriacos, nas mais antigas lithurgias e emfim nos mais authenticos monumentos archeologicos. É pois de crêr que Tsong-kaba fez imitações do christianismo. As suas reformas foram adoptadas em todo o Tibet e mais tarde nos differentes reinos da Tartaria. Cem annos antes, em 1261, Koubi-sai tinha dado aos lamas, sacerdotes buddhistas do Tibet, uma notavel consideração. Tinha elevado á dignidade de lama supremo um religioso chamado Matti, mais conhecido pelo titulo de Pakbo-lama ou Pa-sse-pa. Ao conferir-lhe este supremo sacerdocio Konbilaï investiu-o no poder temporal do Tibet. O imperador creára a hierarchia religiosa do lamaismo com o intuito de mais firmemente estabelecer o seu dominio n'esta região. Dividiu-a em provincias, cujos governadores ecclesiasticos foram subordinados á auctoridade do supremo pontifice que creára. É attribuido a Pa-sse-pa a invenção d'uma lingua alphabetica ou syllabica feita com caracteres hieroglyphicos chinezes. Ninguem hoje pôde decifrar estas inscrições de que se encontram especimens na porta da grande muralha em Tcha-tao.

Todos os lamas pertencem hoje ao culto reformado de Tong-kaba e o Tibet envia para residir na China os Grão-Lamas ou encarnações secundarias de Fo. Tudo me leva a crêr que estes personagens são para o governo chinéz apenas refens que elle de perto vigia. Na Mongolia o governo sustenta com todas as suas forças a hierarchia buddhista. É por este modo que consegue manter-se n'aquella região e paralisar o odio geral dos mongols contra os chinezes. Com effeito os mongols tornaram-se fervorosos buddhistas e sob a influencia d'este culto esses rudes descendentes de Tchin-ginz-Khan; de Hon-lagon, de Conyouk, de Baïdjou, de Baton e de Mangoukhan estão hoje reduzidos a rezar nas suas contas ou a guardar os seus rebanhos, elles

que tiveram por antepassados os dominadores da China, da Asia central, da India, da Persia, da Russia, da Polonia, da Hungria, d'Armenia, da Georgia, do Egypto e da Syria. Compreende-se facilmente que esta decadencia da raça mongolica seja com grande aprazimento do governo chinez.

Os dois mais bellos monumentos buddhicos de Pekin são sem contestação o Peta-ne e o Yong-ho-kong, ambos situados na cidade tartara: o primeiro tem as reliquias de Buddha; o imperador Koubilaï-kan presenteou-o com magnificas alfaias em 1271. Este pagode tem grande similhaça com os templos da India.

O Yong-ho-kong, antiga residencia do imperador Yong-chong antes da sua elevação ao throno, é notavel pela magnificencia, pela extensão e numero dos edificios que o compõe. É aqui que habita o Grão-Lama ou Buddha vivo. Eu queria tel-o visto com a tiara violeta e envolvido no peplum escarlate que distingue os graus supremos do culto buddhista reformado; mas quando o vi estava simplesmente vestido como um alto funcionario. A sua pessoa não era muito interessante; o mesmo não acontecia ao officio religioso a que assisti no templo. Com effeito os lamas tem no seu ritual a mitra, a dalmatica, o pluvial, os exorcismos, as benções dadas estendendo a mão direita sobre a cabeça dos fieis, as procissões. Vi dar a absolvição a peregrinos; depois de se ter purificado com a oração e meditação o penitente era admittido ao altar e ahi um lama lhe punha no peito um grande sello de fôrma quadrada com caracteres sanscritos.

As missões christãs—O padre Ricci—Dissenções lastimaveis—Os tumulos dos padres jesuitas—O padre Shall—Estado actual das missões.

A simplesmente julgar as religiões ou os systemas phylosophicos de que tenho fallado pelos seus resultados é evidente que nem as religiões, nem as phylosophias civilisaram a China, como o christianismo civilisou o Occidente. Deve-se portanto admittir que é uma obra de caridade o introduzir o evangelho na China; o monumento mais authentico da sua antiguidade é certamente a inscripção nestoriana encontrada em Singan-fou em 1635. Este monumento foi erigido no anno 635 de Christo e os auctores chinezes fallavam n'elle muito antes da sua descoberta pelos nossos missionarios. Depois d'isto, em 1307, João do Monte-Corvino foi nomeado

pela Santa Sé arcebispo de Pekin. Clemente v, n'uma carta a este esforçado apostolo, eleva-o a chefe de todas as missões da China; uma outra carta do Papa era ao mesmo tempo dirigida a Tamerlan para o exortar a que se fizesse christão e a agradecer-lhe a protecção que dava aos catholicos.

O successor de João de Monte-Corvino como arcebispo de Pekin foi um francez, Nicolau, professor de theologia na Universidade de Paris.

Seria interessante descobrir a sepultura d'estas guardas avançadas da civilisação occidental, ás quaes eram precisos annos para ir de Roma á sede do seu apostolado.

Depois da descoberta do cabo da Boa Esperança a propaganda dos missionarios tomou alguma extensão.

Em 1590, o padre Matheus Ricci fundava essa missão de Pekin, que agora, sendo conhecidas as difficuldades a vencer, é considerada como um dos mais valiosos titulos de gloria da Companhia de Jesus.

Caminhando da mais humilde situação, os jesuitas conquistaram depressa uma influencia real em Pekin e sustentaram-a até que a inveja lhes creou inimigos que os intrigaram com o imperador da China. Em Roma eram accusados de ensinar uma religião da sua phantasia.

Quando se quer fazer vêr um doente dos olhos só pouco a pouco se lhe dá a luz. Em virtude d'este axioma, os jesuitas, embora mais tarde tencionassem supprimit-as, tinham deixado subsistir entre os indigenas tornados christãos praticas e doutrinas philosophicas chinezas que, segundo os mesmos jesuitas, não eram absolutamente incompativeis com o espirito do christianismo. Era uma especie de laço que elles queriam estabelecer provisoriamente entre os conhecimentos tradicionaes chinezes e a luz nova que lhes traziam; pois que, como já acima disse, os chinezes teem a maior repugnancia a tudo quanto não seja a tradição nacional.

N'uma palavra, os jesuitas tinham comprehendido a necessidade d'uma transição.

As dissenções produzidas entre elles e as demais auctoridades catholicas fizeram no governo chinez o mais detestavel effeito. Desde então não quiz ter junto de si senão os jesuitas que tinham talentos scientificos especiaes, os mathematicos, os pintores, os astronomicos, etc.

Ao menos estes foram alvo dos maiores favores imperiaes, como ainda o prova a sua sepultura, situada no cemiterio de Cha-la-eurl, a

pequena distancia da porta Ping-tye-mène, a oeste de Pekin.

Entre estas sepulturas vê-se primeiro a do padre Ricci, morto a 11 de maio de 1610; tem a fôrma de um semi-cylindro collocado sobre um pedestal quadrado, tendo na frente uma immensa pedra, onde estão gravados os decretos de louvor dirigidos pelo imperador ao padre Ricci.

Depois d'esta a mais notavel é a do padre Schall. Já disse as honras que lhe tinham sido conferidas pelo primeiro imperador da dynastia tartara em recompensa dos serviços prestados como director do Observatorio de Pekin. A elle e á sua familia foram conferidos titulos de nobreza. Anteriormente a 1860 no seu tumulo havia umas estatuas de pedra tendo á mão cavallos ajoelhados.

Porque foi destruida esta parte do tumulo em 1860?

Era em virtude d'um decreto do imperador da China que estes attributos pagãos alli estavam. Porque ter-se vingado na pedra por os imperadores da China terem querido a seu modo honrar um sabio occidental?

Em 1844, a França, n'um tratado protegeu officialmente a propagação da fé, mas até 1860 os missionarios tinham de se esconder; muitos pagaram generosamente com a vida o seu zelo

apostolico. Depois da guerra a missão de Pekin e de dezoito provincias da China foram restabelecidas. O que restava da igreja da missão franceza, confiada por Luiz XVI aos missionarios de S. Vicente de Paula, foi destruido por um incendio em 1863 ou 1864. Desde então que, no mesmo lugar se ergue o templo episcopal de Pekin.

Actualmente quinhentos missionarios catholicos estão espalhados pela China diffundindo o evangelho sempre por entre difficuldades levantadas pelo governo chinez. Erradamente imagina este que os missionarios são agentes politicos francezes e é esta a razão porque injustamente os persegue. Que fazer então? Elles dirigem-se á França e quanto mais a França intervem, mais o governo chinez persiste no seu erro.

Se houve erro foi em 1844. Hoje é já muito tarde para recuar. O tratado de 1860 foi assignado; a vida e os bens de quinhentos mil christãos exigem que elle seja executado.

Ainda que não fôra se não sob o ponto de vista da humanidade a França

deve manter o que fez e esforçar-se por vencer a côrte de Pekin de que jámais renunciará, succeda o que succeder, á protecção do christianismo no extremo Oriente.

FIM



GRÃO-LAMA EM PEKIN—Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache

O DELTA DO TONG-KING

EM 1866-1868, uma commissão composta de homens de sciencia e varios militares francezes explorou a bacia do Mé-Kong, rio que sae das montanhas do Tibet, atravessa a China central e a peninsula indo-chineza e vae

desaguar no mar da China, depois de ter banhado o Cambdoje e a Cochinchina franceza.

A commissão reconheceu a impossibilidade de se servir d'esta grande arteria fluvial para comunicar com o interior da China, e foi de pa-

recer, por unanimidade de todos os seus membros, que a via mais curta e mais commoda era a do Bô-dê, ou rio do Tong-King, accessivel ás ligeiras embarcações annamitas até á fronteira da provincia chinesa do Yun-Nân. Devemos dizer antes de mais nada que o rio do Tong-King tem muitos nomes. Na Europa é designado pelos de Sông Ca e Sông Cai, o que quer dizer grande rio, ou rio principal. Estas designações teem o inconveniente de todos os nomes qualificativos; podem caber e cabem effectivamente a outros grandes cursos de agua do mesmo paiz. Ha um Sông Ca em Nghê-An, e outro Sông-Ca em Tanh-Hoá. O nome de Bô-Dê é um nome antigo, e encontramol-o na carta do P. de Rhodes, feita em 1650.

Ora o Tong-King é a parte mais consideravel do reino do Annam, onde os francezes possuem a colonia de Saigon. A côrte de Hué faz sentir a sua auctoridade n'esta região por uma tyrannia verdadeiramente inaudita, mas é de uma impotencia completa contra os rebeldes, bandidos e piratas chineses que infestam e devastam sem cessar todo o Tong-King.

A França, pela proximidade da sua colonia, pelas relações que mantém com a côrte de Hué e pelo grande numero de missionarios catholicos e francezes que residem n'esta região é a potencia europêa que possui maior influencia no Tong-King. Por isso o contra-almirante Dupré, governador da Cochinchina franceza, fez sempre os maiores esforços por obter para o seu paiz o direito de navegar no rio do Tong-King e estabelecer na foz d'este rio algumas fortificações. Esperava attrahir alli para serem transportados pela cabotagem para Saigon os ricos productos da China central, que se transportam á Europa pelo extenso curso do rio Azul e por via de Shang-Hai. Saigon devia tornar-se d'este modo um dos maiores emporios commerciaes do extremo oriente.

A iniciativa da exploração do rio do Tong-King data de 1870. Foi um francez, Mr. Dupuis, que poz em obra este projecto por elle concebido e estudado desde 1864. Dupuis era homem audacioso e emprehendedor, dotado de uma extraordinaria perseverança. A sua audacia pouco vulgar era temperada pela dose de prudencia necessaria para se sahir bem da sua empreza. Além d'isto, o conhecimento que tinha da lingua do paiz, facilitava-lhe singularmente a sua empreza. Em fins de 1870, de accordo com o vice-rei d'Yûn-Nân, acompanhado de uma es-

colta chinesa que o deixou em Mong-Tzé, sahiu d'esta provincia e dirigiu-se para o sul em demanda da via fluvial do Tong-King. Seguia n'uma pequena barca, acompanhado por um criado chinez, e desceu assim o ramo principal do rio denominado Hong-Kiang pelos chineses e Sông-Thao pelos annamitas; atravessou populações selvagens e rebeldes e penetrou até pequena distancia das fronteiras annamitas. Alli adquiriu a certeza de que o rio proseguia até ao golfo Tong-King em condições de perfeita navegabilidade.

O Yûn-Nân é talvez o paiz mais rico do mundo em productos metallurgicos. Mas estas enormes riquezas são improductivas, porque o seu transporte pelas provincias da China é quasi impossivel.

N'aquella época a insurreição mussulmana que assolava o Yûn-Nân havia quinze annos não fôra ainda dominada. Por este motivo Mr. Dupuis não encontrou difficuldade em convencer as auctoridades chinesas das vantagens que offereria a nova via commercial para a introdução de armas europêas, e para o transporte dos productos metallurgicos do paiz accumulados pela falta de communicações, sendo os direitos aduanciros por si sós sufficientes para enriquecer o Yûn-Nân. N'estes termos, foi elle encarregado da missão de abrir a nova via commercial para trazer ao Yûn-Nân armas e munições destinadas a esmagar a insurreição musulmana.

Seria ocioso narrar aqui circunstanciadamente os pormenores das negociações tão habilmente entabuladas depois d'estes factos por Mr. Dupuis, e que produziram a intervenção franceza no Tong-King de 1872 a 1874. A França em heroicos recontros com as tropas annamitas apoderou-se da cidadella de Ha-Noi, tomou Phu Ly, Haï-Dzuong, Ninh-Binh, Nam-Dinh, e depois de varias peripecias e revezes, as tropas francezas tiveram de evacuar vergonhosamente todas as suas conquistas, terminando de uma fôrma deploravel uma expedição cujo inicio tão glorioso tinha sido.

A questão do Tong-King está em vespuras de produzir uma guerra cruenta no extremo oriente, guerra que parece inevitavel, apesar da attitude conciliadora da Grã-Bretanha e de outras potencias interessadas na pacificação dos mares da China. A França está prestes a envolver-se em uma grande conflagração com o Celeste Imperio, da qual, apesar de todas as suas probabilidades de triumpho, não lhe resultarão senão consequen-

cias desastrosas. A China, pela sua parte, não está disposta a fazer importantes concessões, e vae accumulando forças consideraveis nas fronteiras de Tong-King. É muito duvidoso já agora que se chegue a um accordo entre as duas potencias que pretendem empenhar-se n'essa guer-

ra desastrosa, e que a todos se affigura como a maior das loucuras que a França pôde commetter, sacrificando os seus recursos e a sua coragem por um pretexto futil, n'uma empreza aventurosa em tão remotas paragens.

FIM DO TERCEIRO VOLUME

INDICE DO TEXTO



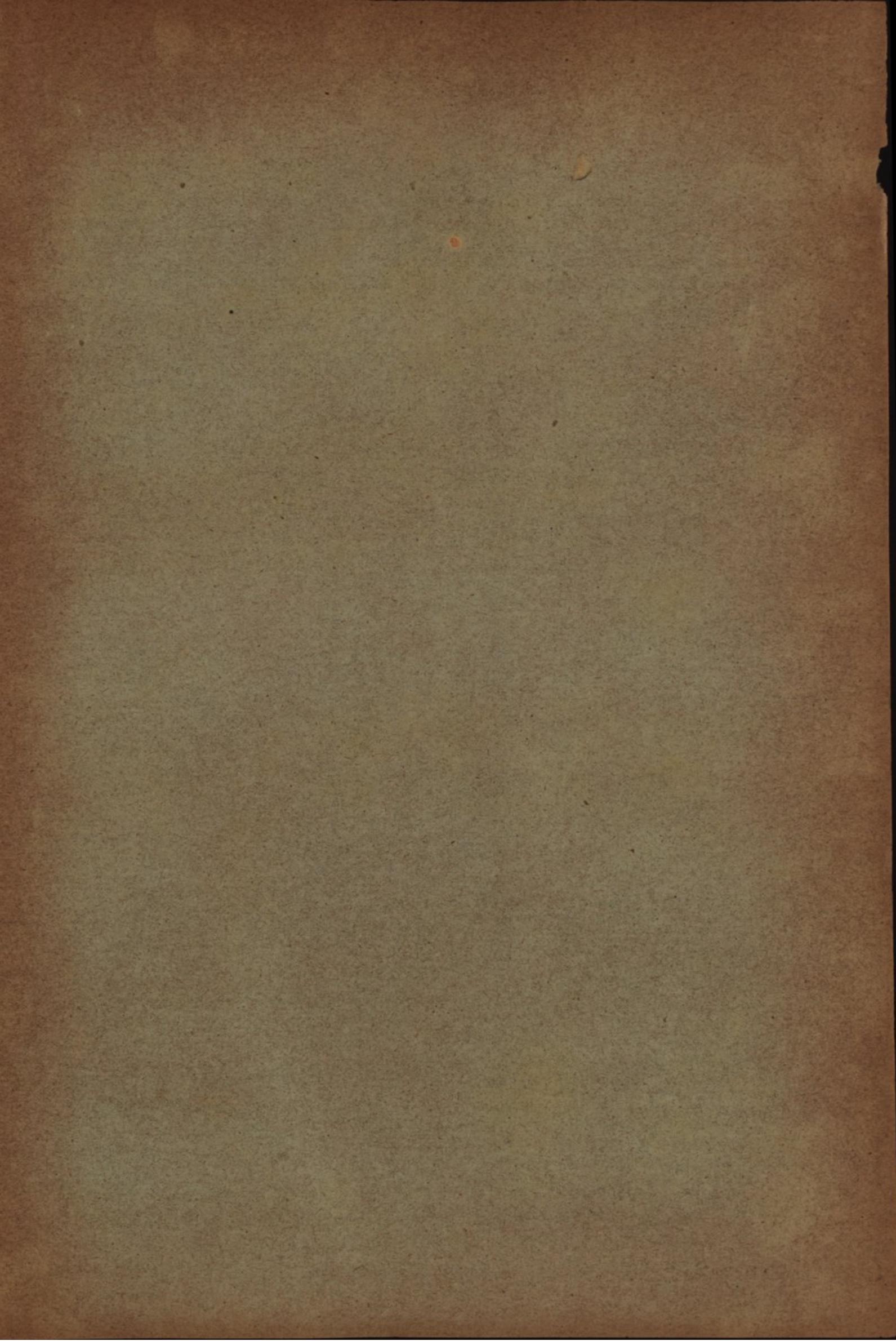
	PAG.		PAG.
ESTATUA DE LUIZ DE CAMÕES, por Pinho Leal.	5	OS DOZE DE INGLATERRA, Estudo Critico-Historico, por	
COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA, pelo major Serpa Pinto,		João T. Soares, continuação do n.º 24, 2.º anno.	148
continuação do n.º 24, 2.º anno.		163, 179, 195	211
23, 37, 53, 69, 86, 101, 117, 133, 150, 165, 181,		HOMENAGEM Á INDUSTRIA NACIONAL, atelier photogra-	
197, 214, 230, 245, 261, 277, 295, 309, 325, 342,		phico do ex.º sr. Carlos Relvas, na Collegã	164
358	374	CAMÕES NAS ILHAS DOS AÇORES, por João Teixeira Soa-	
VIAGEM Á NOVA-GUINÉ, por Achille Raffray, continua-		res.	227 242
ção do n.º 24, 2.º anno.	15	UMA EXCURSÃO ARTISTICA POR ITALIA, por Viriato Silva.	274
30, 44, 60, 76	96	291, 304, 323, 339, 355	369
MEMORIAS DO ULTRAMAR, por Luciano Cordeiro, conti-		PEKIN E O NORTE DA CHINA, por M. T. Choutzé.	157
nuação do n.º 24, 2.º anno	18	172, 188, 204, 220, 237, 252, 265, 285, 300, 317,	
34, 50, 66, 82, 99, 114, 130	146	333, 348, 363.	380
AS PEIXEIRAS, pelo dr. Theophilo Braga	22	PORTUGAL PERANTE A CIVILISAÇÃO, por Manoel Antonio	
AS NOVIDADES DE NEW-YORK E O NIAGARA NO INVERNO,		Cochlo Zilhão	280
por M. Eduardo de Laveley	109	ESTUFA NOTAVEL, por Duarte de Oliveira, Junior	293
124.	140	GUERREIROS DA ÉPOCA DO FERRO, por Ashavero	307
		O DELTA DO TONG-KING	362

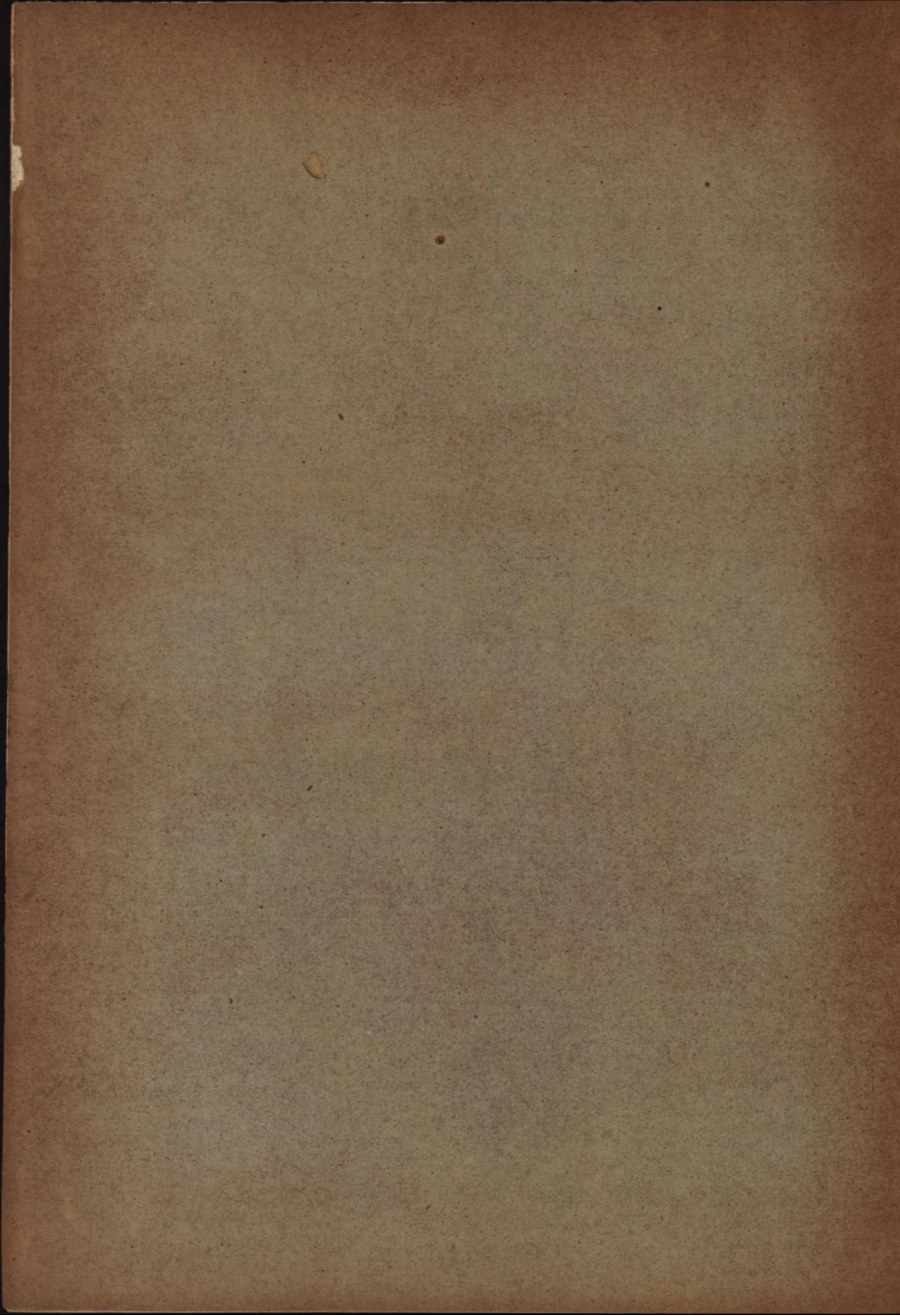


INDICE DAS GRAVURAS



	PAG.		PAG.
Estatua de Luiz de Camões, na praça do mesmo nome.	5	Palanquim d'um alto funcionario	208
A rede de pescar	8	Picador tartaro	209
Regresso a Catongo	9	As aberturas da floresta	213
Papus arfaks	16	Carroça chinesa	220
Aldeia d'Andai	17	Vista geral das fortificações de Pekin	222
As peixeiras	21	Pekin—Interior d'um bastião	224
Os hippopotamos no rio Limbai	25	Porta Teienc-mene	225
Arvore de pau-ferro em Andai	30	Casas em Chochon	229
Floresta de Saobaba	32	Porta d'entrada da legação de França	236
Laphorina atra	33	Pekin—Grande rua Hata-Mene-Ta-Kié	237
Cabana d'Itufa	37	Rua da legação de França	240
Interior d'uma cabana em Amberbaki	44	Pavilhão este no pateo da legação de França, em Pekin	241
Casa acria em Memiaua	45	O major experimenta Fly	245
Papus Karons (anthropophagos)	48	Kiosque no jardim da legação de França, em Pekin	252
Papus Ouosaonis	49	Capella da legação de França, em Pekin	253
Quebramos um velho barco	53	Indigena da Corêa	256
As pirogas em que fui de Dorey a Amberbaki	60	Porta do pateo principal da legação de França	257
Ave do Paraizo	61	Uma vedeta do rei Cama	261
Uma paisagem da ilha de Korido	64	Tibetano	265
Dous typos papus Ouandamen	65	Chinez lettrado	268
Encontro d'um europeu	69	Mandarim	269
Uma casa na ilha Mafor	76	Damas chinesa e tartara	273
Piratas biaks na ilha Mafor	77	Mendigos	284
O interior da ilha Korido	80	Mulher tartara	285
Povoação lacustre em Sowek	81	Dama tartara d'alta sociedade	288
Mr. e Madame Coillard	85	A açucena doirada	289
Papu aliuro da ilha Mafor	96	Collocação do aparelho nos pés	290
Interior d'uma habitação em Korido	97	Estufa do ex. ^{mo} sr. conde da Silva Monteiro	293
Sepultura da ilha Mafor	98	Chineza recém-casada	300
Dois typos papus da ilha Jobia	98	Menina chinesa d'alta sociedade	301
Os cinco tumulos	101	Dama chinesa na sua toilette	303
New-York—Comboio percorrendo a terceira avenida	109	Guerreiros da época do ferro	308
Dupla via no caminho de ferro aereo da sétima avenida	112	Catraio dá ao major a caixa dos chronometros	309
Pilar da ponte Brooklyn	113	Passagem do rio Ntouani	312
A pesca	117	Visita ao acampamento dos boers	313
Passagem provisoria na ponte Brooklyn	124	Grupo de musicos	317
A ponte de Brooklyn	125	Vista d'um dos edificios do estylo italiano do palacio de Yuanc-migne-yuane	320
O Niagara no tempo dos gelos	128	Torre funeraria á memoria d'um bonzo	321
Blocos de gelo ao pé da queda d'agua	129	Creanças boers comendo herva	325
Partida da caravana	133	O susto de Christovão	328
Ilhas de gelo no meio da queda d'agua	140	Cafres e boers dos arredores de Pretoria	329
O Niagara—A Gruta dos Ventos	141	Vasos de porcellana da dynastia dos Mings	333
O Niagara—Vista da ilha das Cabras	145	Vasos de porcellana da dynastia dos Tsings	337
A caravana na parte leguminosa da floresta	149	Vista de Pretoria	341
Forte de Takou (margem esquerda)	157	Mulheres indigenas das cercanias de Pretoria	344
Archeiros chineses	160	O major e a formosa amazona	345
Artilheiros chineses (novo armamento)	161	Tragicos de Pekin	349
Camello do norte da China	162	Kiosque no pateo da mesquita de Nicou-kié, em Pekin	353
Wagon transpondo a ribeira	165	Nos destiladeiros dos Brakensbergs	357
Chegada d'uma metralhadora, artilheiros chineses	172	Oração da tarde em casa d'um boer	361
Antigo consulado de França	173	Altar do templo do ceu	364
Vista tirada do antigo consulado de França em Tien-Tsin	176	Retabulo no templo de Confucius	365
Aldeão das margens do Pei-ho	177	Sthoupa indiano ou monumento erguido á memoria do primeiro Grão-Lama vindo a Pekin	368
Campo de Massarouas	181	Vista de Pietermaritzburg	373
Burguez de Tien-Tsin	188	Uma vista de Durban	377
Falcoeiro	180	Bonzos ou sacerdotes budhistas do culto indico	381
O viso-rei Li	192	Grão-Lama, em Pekin	384
Mendigo	193		
Cora atropellada	197		
Os barcos do Pei-ho	204		
Fumadores d'opio	205		







-2 JAN 1974

